

JORNAL Q

Edição #1

Galeria The Blacker The Berry
Galeria Rádio Quântica
Gravo
Black Pride Matters
Documentário 'Paraíso'
Entrevista LBC Soldjah



Jornal Q
Uma publicação da Rádio Quântica

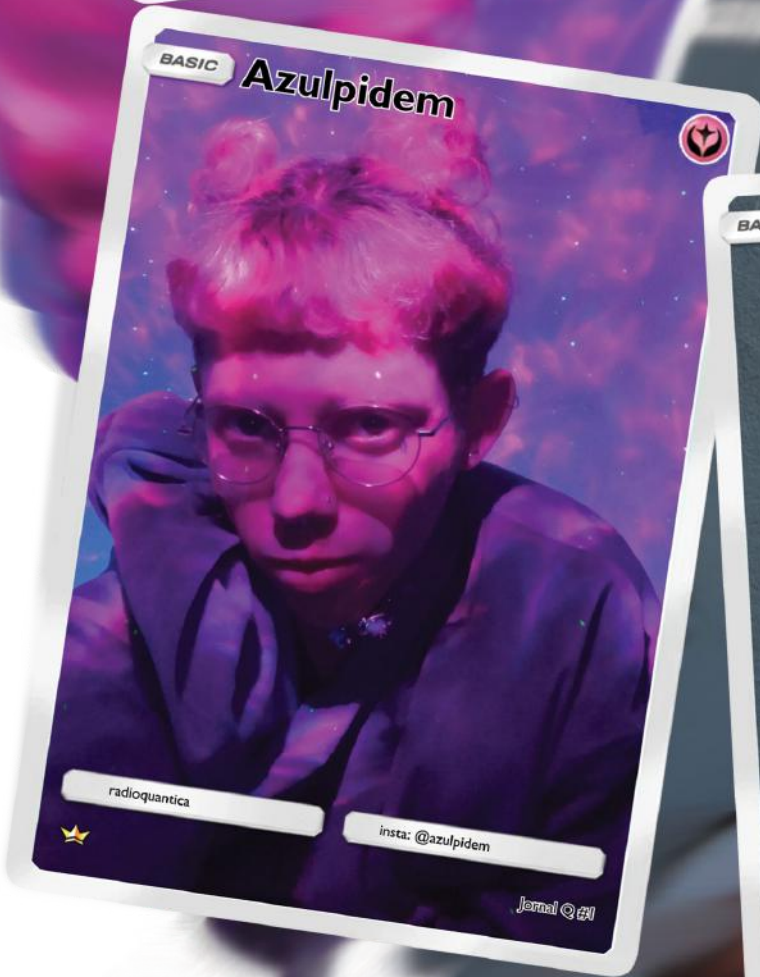
Edição: Catarina Teixeira e Inês Coutinho
Design editorial: Nuno Rodrigues
Ilustração: Nuno Rodrigues
Edição de texto: Catarina Teixeira, Eunice Franco, Inês Coutinho, marum e Rita Morais
Produção: Catarina Teixeira, Eunice Franco, Inês Coutinho e Nuno Rodrigues
Ideia e conceito original: Bruno Trigo Gonçalves e Mariana Freitas
Contribuições:
A Cabine (Daniel Duque)
AbrilAbril (Jorge C.)
Azul
Bruno Trigo Gonçalves
Catarina Teixeira
Chima Isaaro
Chungadaddy
Coletivo Lenha
Dipsy
Ephe May
Eunice Franco
Fatu Mata
Fayxka
Flávio Almada
Gustavo Gustrava
Inês Coutinho
João Biscaia
João Ervedosa
Kerox
Lou Drago
Maria Guedes
Markize
marum
Nuno Barão
O Gato Mariano
Patrícia Mesquita
Rita Morais
Rudi Brito
The Blacker The Berry
Tita Maravilha
Wugori

Tiragem: 200 exemplares
Data de publicação: Junho de 2025
Apoio: Direção-Geral das Artes, Câmara Municipal de Lisboa



Arte

O Jornal Q é uma publicação que vem documentar, difundir e dinamizar o trabalho artístico realizado pelas muitas pessoas que integram a Rádio Quântica e pelos projectos desenvolvidos na nossa órbita, assinalando assim a nossa primeira década de existência. Esta é a primeira edição, e o tema dominante escolhido é o cuidado comunitário. O Jornal Q divide-se em 4 cadernos: primeiro, o Caderno Arte, onde apresentamos artistas ligados à Rádio e ao projecto The Blacker The Berry, o colectivo emergente que destacamos nesta edição. Também temos duas galerias impressas em papel, para visitar, colar na parede ou recortar - uma com artistas mais diretamente ligados à Quântica, outra com curadoria The Blacker The Berry com Fatu Mata.



A collage of seven 'BASIC' artist cards with a rainbow iridescent border. The cards feature portraits of artists: Don't Call Me Tako, El, Eloise Grace Winter, Herlander, Jesualdo, Tsunami Tânia, and Oxyretronave. Each card includes the 'BASIC' logo, the artist's name, a star icon, a 'the blacker the berry' label, a 'quest' label, and a 'Jared Galt' signature.

Galeria The Blacker The Berry



Fatumata, Fuga a Mar (2024)

Esta galeria de papel mostra obras de Fatu Mata, artista que o colectivo The Blacker The Berry seleccionou apartir de uma open call feita para este jornal. O trabalho de Fatu Mata pode ser seguido através do ig: @fatumata.ismos



Fatu Mata

Fatumata tem 21 anos e nasceu em Lisboa, por pais guineenses. É artista e pessoa multidisciplinar, - artista visual, plástico e estudante de Ciências Sociais. Apesar de alguma distância entre as áreas, considera serem diferentes expressões de necessidades vindas de lugares similares. O seu foco artístico passa pela exploração e criação de imaginários pretos e queer, tal como das realidades e identidades comunitárias, - uma tentativa pseudo obsessiva de perceber o mundo nas suas formas e forças estruturais, ao mesmo tempo que materializa o expressar de experiência(s) pessoais e/ou coletivas dos seus contextos identitários, representando um ponto interseccional de si, e do seu trabalho. A sua arte acaba portanto por representar um caminho que não passa apenas por uma pintura de imaginários, mais ou menos surrealistas, materializando-se em mais do que uma (re)criação, reposição de realidades imaginadas, destruídas e/ou interrompidas, configurando-se em pinturas de corpos e cenários afro-queer centrados, em prol de uma mutação de intersubjetividades. A sua prática artística tem decorrido nos últimos 4 anos, apresentando trabalho de pintura digital, pintura a óleo e, mais recentemente, a exploração de cerâmica não tradicional. No ano passado, teve a oportunidade de ilustrar um conto de um livro infanto-juvenil, titulado de “A Srª Hi Ena, Alex, Yusef e um Rastro de Purpurinas” (2024).



Fatumata, Abril nasceu em África (2024)

Esta obra, que faz parte de uma dupla de obras produzidas para uma exposição coletiva que tomou palco no ano passado, (Ância, Caldas da Rainha, 2024) teve o propósito de (re) pensar o lugar do museu enquanto instituição colonial e um possível mecanismo de mudança de pensamentos. Para tal peguei no tema do colonialismo numa perspectiva de revolução preta e subalterna (para com a revolução branca portuguesa).

Primeiro, materializou-se na visualização de um navio ‘negreiro’ (Fuga a Mar, Fatumata, 2024), que apresenta-se enquanto palco de uma fuga de pessoas escravizadas negras pelo mar, enquanto uma delas pega fogo ao navio. A fuga pelo mar, - ou o suicídio-não-suicídio massivo dessas pessoas -, materializa-se também enquanto uma revolução silenciosa anti-colonial, de recusa do uso e submissão da corporalidade, intelectualidade e autonomia de corpos pretos e africanos.

O incendiar do navio, (ou o início desse processo), remonta também a uma necessidade de honrar todos os esforços de resistência anti-colonial, pois esta não começou nas Guerras pela Independência.

A segunda obra (Abril nasceu em África, Fatumata, 2024), toma espaço num cenário rural com combatentes anti-coloniais guineenses num jipe, deixando para trás um vislumbre de um navio de velas latinas a incendiar-se. Uma imagem que remete à Guerra das Antigas Colónias, que apesar de ser uma luta retratada enquanto subalterna à Revolução dos Cravos, mais do que subalterna, foi subalternizada.

A Revolução dos Cravos libertou-nos a todes por igual? O 25 de Abril ocupa no meu imaginário (como imaginio ocupar

o de muitos iguais a mim) um lugar de uma Revolução inacabada e, em muitos aspetos com créditos mal atribuídos e prioridades que não tiveram em consideração responsabilidades históricas do país. Dizer que o 25 de Abril nasceu em África é dizer que a luta anti-colonial começou aí - na insubordinação dos africanos para com a autoridade portuguesa. A liberdade portuguesa branca foi alcançada pela recusa preta e africana de ser subjugada por Portugal.

Dizer que o 25 de Abril nasceu em África é dizer que a libertação dos povos africanos da hegemonia portuguesa desmantelou, ideologicamente, o Salazarismo, pois este baseava-se em grande parte no lusotropicalismo e no facto de Portugal “não ser um país pequeno”. Abril não só nasceu em África como aconteceu por causa de África. Talvez uma conclusão simplista e um pouco reducionista, mas a realidade é que a partir da expansão marítima, grande parte da ideologia, cultura e ego português baseou-se na soberania de Portugal sobre as colónias, - a exploração e inferiorização das mesmas, seja por fins de justificar a sua violação ou de incentivar o ego e sentido de supremacia.

A Guerra pela Independência das antigas “colónias” acaba por ser, por razões óbvias e historicamente pesadas, o momento clássico de resistência africana contra o Ocidente. É neste momento que, para o bem ou para o mal, há uma restituição teórica da autonomia e soberania dos PALOP sobre si mesmas, e uma atribuição, também teórica, de direitos iguais para com pessoas negras ou não brancas sob a legislação portuguesa, apesar de nunca se ter ‘desfeito’ o que se passou séculos a construir, - uma sociedade racista.

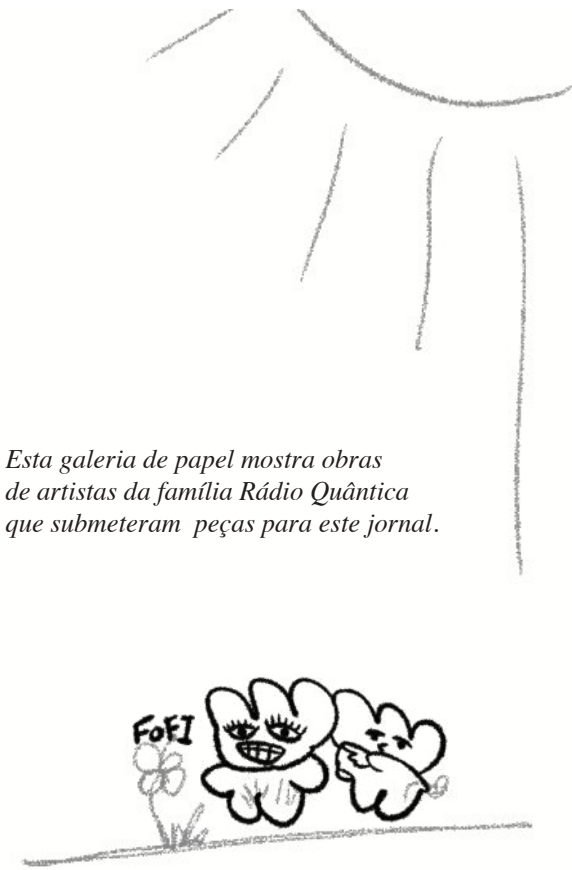
A descolonização foi material, aconteceu (parcialmente) sobre as terras, mas a descolonização intelectual, no sentido das nossas mentes, da nossa cultura ou intersubjetividades e a sua aplicação na sociedade ainda está atrasada.

Nesta imagem, o navio está em chamas, - ele ainda existe, e ainda queima.

Numa perspectiva negra em África, ou numa perspectiva negra na Diáspora, o navio ainda tem muito que queimar. Liberdade é um conceito amplo, pois ela antige diferentes esferas e camadas de uma vida. O 25 de Abril não nos atribuiu a nós, pretos, direitos plenos, alguns deles tão básicos que a branquitude nem se preocupa em olhar para eles. O navio é simbologia disso, simbologia de uma Revolução ainda em andamento, e em processo de ser concretizada.

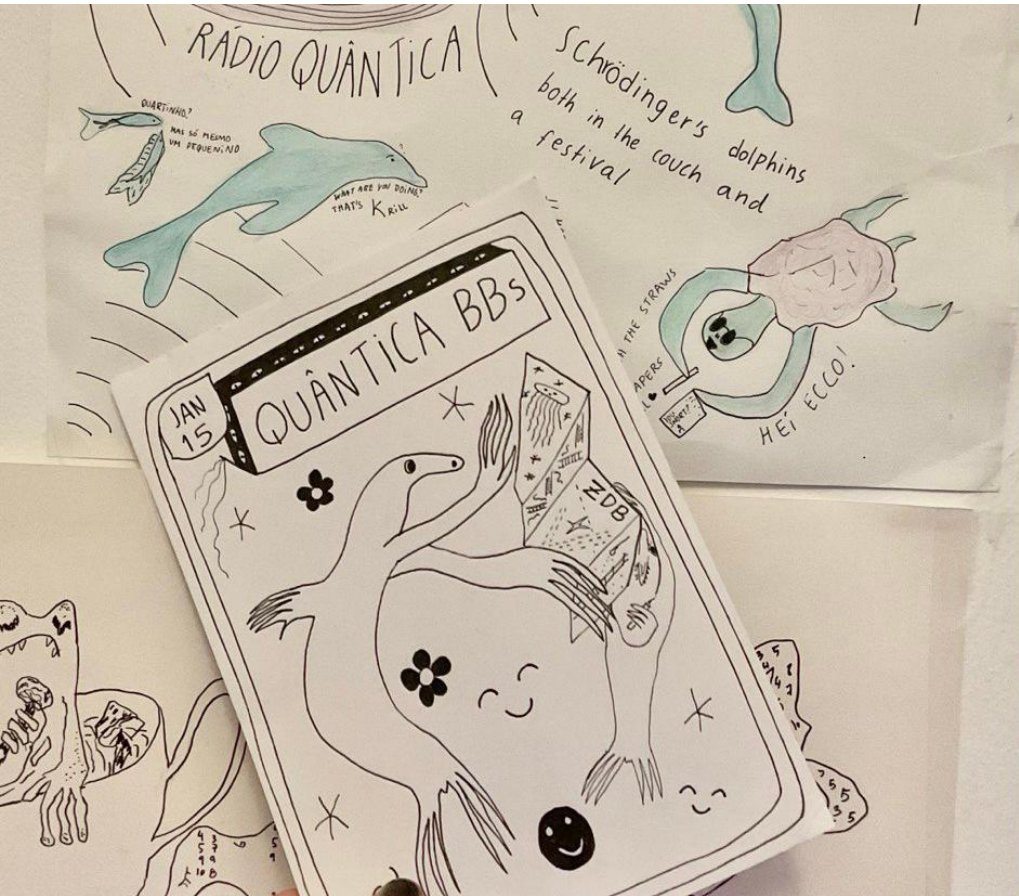
O elo de ligação das duas obras é o ato de incendiar o navio, de uma forma simbólico-literal, - num ato de sublinhar uma resistência constante dos povos negros africanos, pela sua libertação e autonomia. Esta dupla de pinturas são representativas disso, de uma imaginário que tenta dar imagem a uma Revolução.

Galeria Rádio Quântica



Esta galeria de papel mostra obras de artistas da família Rádio Quântica que submeteram peças para este jornal.

Patricia Mesquita



Chungadaddy

UAU!!!
QUE LINDO!!



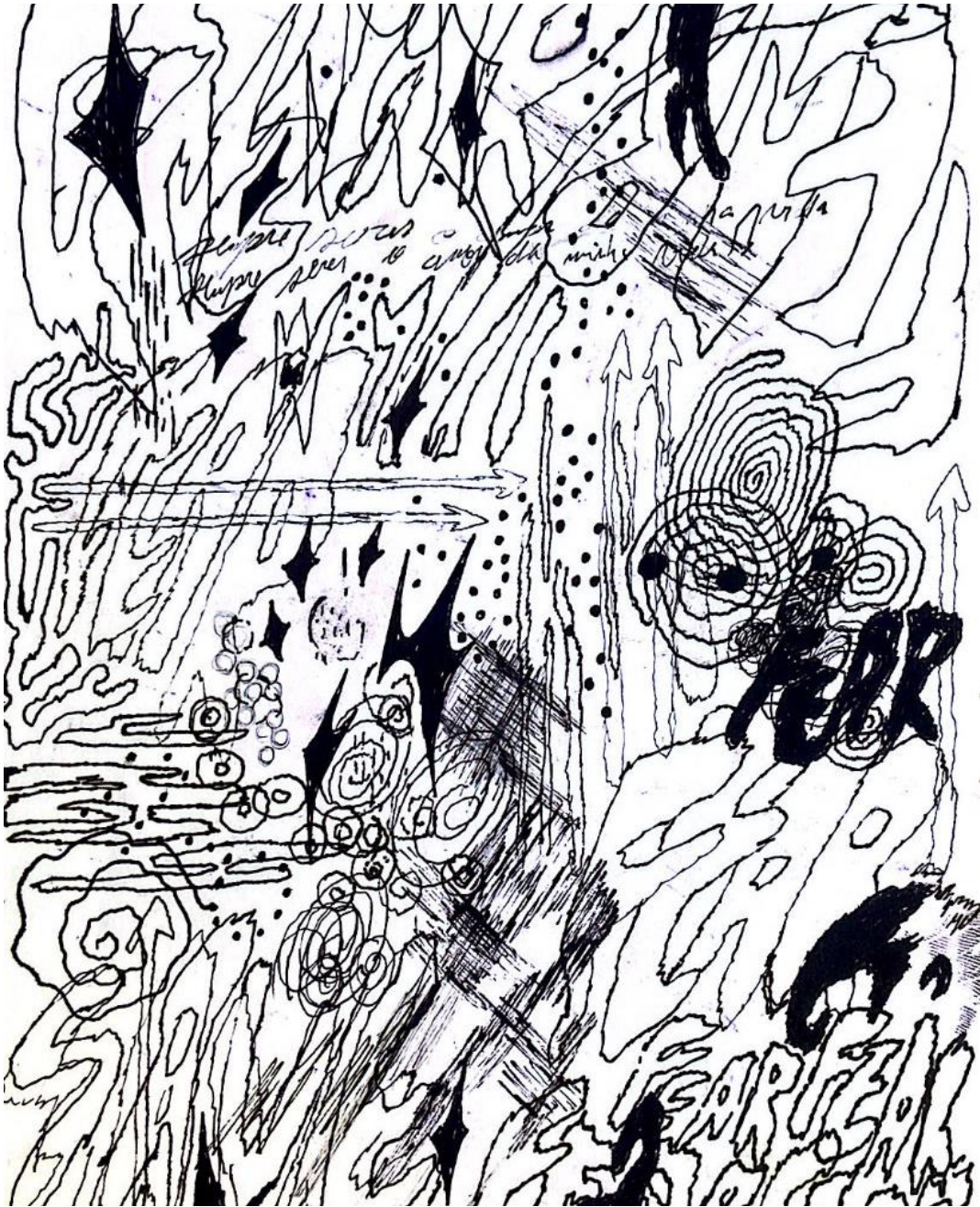
Azulpidem



Galeria Rádio Quântica



Dipsy



Dipsy

Comunidade

Este caderno lembra-nos que cultura é mais viva quando assente em redes de apoio, em construir comunidade, em fortalecer o tecido social e em promover bem-estar coletivo. Apresentamos um conjunto de coletivos com quem nos fomos cruzando - ou com quem trabalhámos - cuja palavra queremos ajudar a espalhar. Mergulhamos depois na intervenção de marum e Violet na manifestação Qravo e nas pinceladas de cuidado comunitário presentes no despontar da história da rave portuguesa, recentemente documentada no filme Paraíso, um projecto que começou como um programa na rádio e evoluiu para o formato audiovisual artístico. Comunidade e resistência são os motes do Black Pride, cuja génese na Cova da Moura é aqui reportada. Um cartaz comemorativo dos 10 anos da Rádio Quântica por Dipsy Rei completa este ramo de flores comunitárias.



BASIC OUT.RA



Cuidado
★ Out.fest... faz-vos lembrar alguma coisa?

Atividades
★👁️ Rádio, promoção de eventos e festivais, residências artísticas

barreiro outra.pt

Jornal Q #1

BASIC Planeta Manas



Cuidado
★ Aqui ninguém larga a mão de ninguém!

Atividades
★👁️ Raves, workshops e festivais

lisboa [insta: @planetamandas](https://www.instagram.com/planetamandas)

Jornal Q #1

BASIC Colectivo Lenha



Cuidado
★ Companhia para lobos solitários

Atividades
★👁️ Rádio ao vivo, divulgação de música e eventos

[insta: @colectivo_lenha](https://www.instagram.com/colectivo_lenha)

Jornal Q #1

BASIC ADR "O Relâmpago"



Cuidado
★ Cuidados primários na promoção da saúde e prevenção da doença

Atividades
★👁️ Atletismo, boxe, ciclismo, futsal, xadrez e mais

também foram despejadas [insta: @adrrelampago](https://www.instagram.com/adrrelampago)

Jornal Q #1

BASIC The Blacker The Berry



Cuidado
★ Aqui podemos ser por inteiro

Atividades
★👁️ Eventos, aulas de kizomba queer, zine artística

[insta: @theblackertheberryproject](https://www.instagram.com/theblackertheberryproject)

Jornal Q #1

BASIC Unidigraaz



Cuidado
★ Multidisciplinaridade Comunitária

Atividades
★👁️ Formação cultural e social, promoção de eventos culturais, intercâmbios, performances

linha de sintra [insta: @unidigraaz](https://www.instagram.com/unidigraaz)

Jornal Q #1

BASIC Rabiosa



Cuidado
★ Diáspora musical Latam

Atividades
★👁️ Eventos, rádio, residências

lisboa [insta: @rabiosa3333333333](https://www.instagram.com/rabiosa3333333333)

Jornal Q #1

BASIC Coletivo Casa Amarela



Cuidado
★ Abraço sónico

Atividades
★👁️ Criação e edição de música
★ Eventos

localização: lisboa <https://ccasaamarela.com/>

Jornal Q #1

BASIC Vida Justa

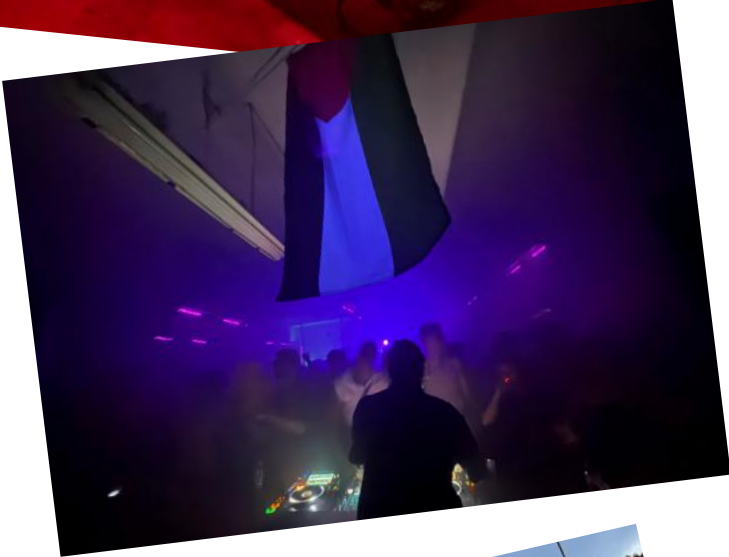


Cuidado
★ Juntos somos mais fortes

Atividades
★👁️ Combate à repressão policial nos bairros, e luta por casas para viver, transportes para todos e o aumento dos salários

lisboa vidajusta.org

Jornal Q #1



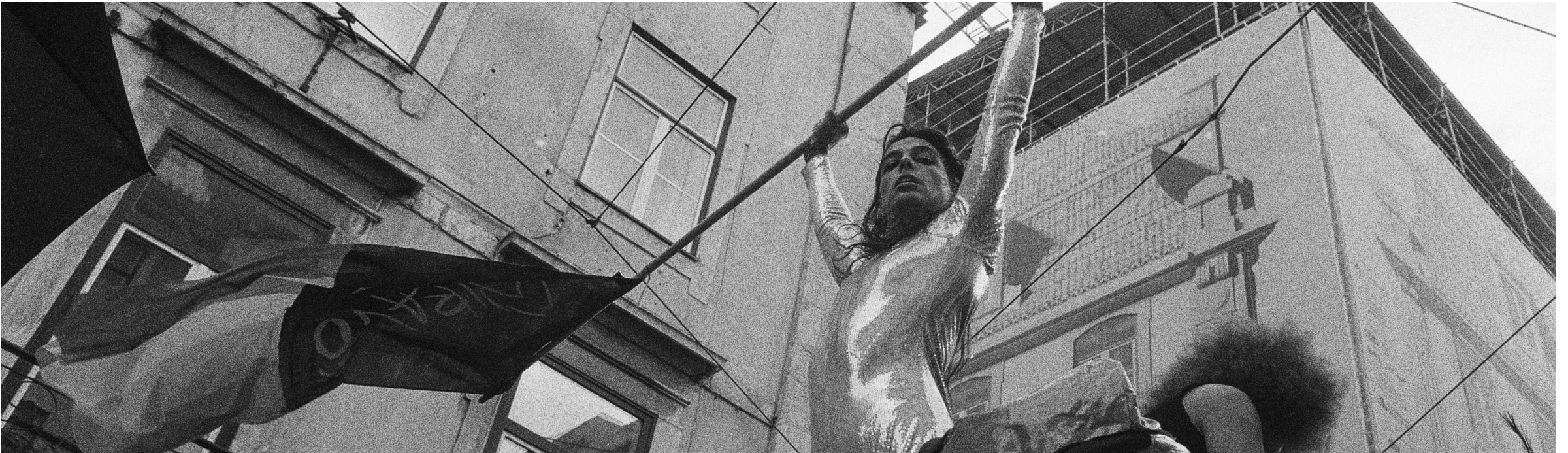


Foto de Isa Marques

Intervenção Planeta Manas: manifestação Qravo

Olá a todes,
É uma grande honra estar aqui com o QRAVO para sair à rua e fazer barulho, protestar contra a violência policial e crescente gentrificação em Lisboa, dançar e fazer exigências!
O meu nome é marum
O meu nome é Inês
E estamos aqui em representação do Planeta Manas, um projeto muito especial construído pelo coletivo mina e pela Rádio Quântica, e na verdade, construído por vocês todes - que dançaram, tocaram música, que fizeram performances, que trabalharam no bar, na porta e no ravers care corner, carregaram sistemas de som, decoraram e limparam o espaço. Isto tudo, num vertiginoso ritual que se tem repetido semanalmente desde novembro de 2021.
Muitas horas, muitos meses, quase 4 anos! - dedicados a erguer e a manter o Planeta Manas em órbita. Demos tudo o que tínhamos e por vezes o que não tínhamos. O nosso tempo, ideias, o nosso dinheiro, a nossa saúde mental e física - dedicámos tudo a este Planeta porque acreditámos num sonho.
O sonho de construir um espaço cultural comunitário onde a música, o cuidado e a comunidade são os ingredientes principais, onde a expressão artística, o talento e experimentação surgem aliados de valores como o anti-racismo, o anti-capitalismo, a luta contra a transfobia, homofobia e todos os tipos de discriminação - uma cultura pelos corpos livres, de todos os tipos, géneros e formas. Um espaço onde celebramos a vida, incluindo a de pessoas que já cá não estão, mas que tornaram o nosso caminho possível, mais fácil, mais prazeroso, cheio de orgulho e amor.
Não acreditamos em arte ou cultura imparcial. Não existe! Não é possível - nem desejável! Os movimentos artísticos que marcaram a história da humanidade surgiram em contextos de luta e foram desde sempre motor de mudança, contra a cristalização social bafienta do conservadorismo. A arte que queremos ajudar a florescer está intimamente ligada à resistência e ao progresso, à vanguarda e à libertação e emancipação de todos os povos.
Vivemos tempos perigosos. Pessoas são encostadas à parede por causa da sua cor de pele - não branca, claro. Vivemos ao serviço dos ricos e do aumento das suas riquezas. Não estamos aqui para os entreter. O nosso direito a existir é inalienável, e mesmo sob os dentes afiados da hegemonia patriarcal e capitalista nós resistimos.
O Planeta Manas é apenas um dos ramos duma grande árvore de colectivos, espaços e iniciativas que dão prioridade à protecção das pessoas que pela sua identidade, classe ou pendor artístico desviante são permanentemente atacadas e silenciadas pelos braços institucionais de

uma classe governativa vergonhosa, que prefere usar orçamento e meios para a repressão de artistas e fruidores de arte - ao invés do apoio à cultura.
As nossas políticas internas e externas são a raiz da normalização destas violências: enquanto a polícia é ilibada por violentar e assassinar cidadãos, enquanto nas televisões se anuncia que investir no armamento e na defesa é a nossa prioridade enquanto país, cria-se uma sociedade desligada de metas mais elevadas como um estado social que sirva todes e a solidariedade entre os povos.
A narrativa hegemónica gosta de nos dizer que pessoas migrantes são um perigo para a segurança. Mas nós estamos muito mais preocupadas com a discriminação. violência policial, falta de acesso a habitação e emprego.
Estas são as condições que afetam um grande número de pessoas migrantes, queer, trans - e a sociedade em geral. Espaços comunitários e culturais que acolhem estas pessoas, feitos por estas pessoas são vitais nas nossas cidades.
São espaços de encontro, de entreajuda e de esperança. São estes espaços que adensam a substância da democracia e criam terreno fértil para a Paz.
Fomos o alvo fácil.
“Aqui é só paneiros” disse um polícia enquanto entravam de rompante pelo Planeta Manas. Abuso de poder, ignorância sobre a lei e, acima de tudo, um espetáculo degradante numa sociedade democrática. São muitas vezes os primeiros a quebrar a lei, a abusar do seu poder para ameaçar e violentar as pessoas mais vulneráveis da nossa sociedade.
Não se preocupam com a segurança da população.
São cucks ao serviço da gentrificação!
Traidores de classe que trabalham noite e dia para as políticas que tornam a vida da maioria das pessoas que aqui vivem mais difícil, empobrecida e ao serviço dos interesses capitalistas. Em mais uma contradição, esta postura intimidatória e autocrática não é acompanhada por uma base legal: no Planeta Manas fomos invadidas ilegalmente 4 vezes e nunca vimos um mandado, um auto ou uma multa.
Deixaram o Planeta Manas numa zona cinzenta que lhes permite continuar a tentar usar-nos como brinquedos. Estas forças, comparáveis a grupos paramilitares, agem sim à margem da lei, ao contrário do movimento associativo, cujos direitos estão consagrados na Constituição. Um projecto cultural eminentemente queer e transfeminista sem fins lucrativos ter credibilidade, apoio popular e viabilidade é uma afronta à narrativa de que só o sistema capitalista

heteronormativo é possível, e é por isso que somos o bode expiatório da polícia, que não se atreve a meter o dedo no chamado negócio da noite mas mergulha de cabeça quando se trata de tentar enfraquecer o movimento associativo e os espaços queer - desenhados das pessoas para as pessoas.
Cada vez mais, cultura é um privilégio dos ricos.
Rapidamente a retroceder à idade das trevas, o país recebe de braços abertos celebridades, turistas e gentrificadores do norte da Europa e dos Estados Unidos enquanto planeia quase 20.000 deportações só este ano. A triste ironia é que protegemos quem nos sobre as rendas, quem especula e mercantiliza, e expulsamos quem cá vem para aprofundar a nossa cultura, trabalhar e segurar os sectores realmente essenciais da nossa economia.
Da agricultura aos serviços, da saúde à educação, milhares de imigrantes são essenciais para manter Portugal à tona. A Cultura pública e aberta a todos, ficou relegada para um segundo plano, dando lugar a projectos comerciais e iniciativas privadas que fazem da arte um negócio enquanto ignoram as comunidades que sempre se dedicaram às suas disciplinas artísticas com amor, responsabilidade - e poucos meios.
Espaços culturais vão e vêm, mas alguns marcam-nos para sempre. O Planeta Manas foi - ainda é - um marco de possibilidades em abundância. Procurámos aliar experimentação artística imbuída de consciência comunitária à inclusão, ao cuidado e ao apoio mútuo. Na programação com preocupações artísticas e éticas, na partilha de recursos e desenvolvimento de práticas de cuidado.
É importante lembrarmos que estes espaços são preciosos mas também vulneráveis.
Por isso é que é importante darem o vosso apoio, aparecer, e continuar a lutar pela existência de espaços como este.
Em breve o Planeta Manas vai fechar - mas não é o fim. A chama da resistência não se apaga tão facilmente.
Obrigade a todes, obrigado QRAVO.
Continuemos a dançar e a resistir!





Foto de Vítor Machado

O que a cultura Rave dos 90s nos ensinou sobre comunidade e companheirismo

Os anos 90 viram brotar em Portugal o nascimento de uma comunidade que se reunia para celebrar a liberdade que, durante tanto tempo, lhes fora negada. Foi na descoberta da música de dança que muitos se encontraram — com a ingenuidade própria da idade — e sentiram, talvez pela primeira vez, um sentido de comunhão que só a música podia proporcionar.

Um pouco por todo o país, formavam-se grupos movidos pelo desejo de celebrar a chegada da nova música de dança. Como dizia António Cunha, co-fundador da Kaos Records, “uma rave (...) está (...) ligada aos rituais que já vêm muito de trás, da libertação dos homens através da dança e da música”. Esse ímpeto de libertação sentia-se de norte a sul, alimentando a criação e florescimento da cultura rave em território nacional. Esta contra-cultura, que já existia lá fora — especialmente no Reino Unido — foi aqui apropriada e reinventada à imagem das nossas condições, vontades e contexto. Com a chegada deste novo som, o universo da noite sofreu uma transformação profunda. A novidade trouxe consigo uma vaga de esperança, criatividade e o desejo de criar espaços melhores para acolher esta nova expressão cultural. No entanto, perante o seu crescimento, surgiram rapidamente medidas repressivas: leis que limitavam os horários dos clubes ou proibiam a dança em espaços sem licença específica.

Estas medidas repressivas tiveram precisamente o efeito oposto ao pretendido: motivaram a união de uma comunidade que juntou esforços no sentido de congregar pessoas que partilhavam esta vontade de desafiar normas e estruturas sociais em celebrações que chegaram a contar com 5 ou 6 mil pessoas, em vários castelos, antigos conventos, fábricas e armazéns abandonados por todo o país. Raves de proporções épicas e nunca antes vistas, serviram de embrião para a experiência de clubbing que conhecemos nos dias de hoje. As horas pouco importavam — queriam-se muitas. A diversidade musical era celebrada, e a escassez de meios servia de combustível para o motor da união e do engenho. Com poucos recursos, mas mentes abertas, esta comunidade arriscava, investia as suas economias, sonhava — e concretizava estes sonhos. Recuperavam espaços que lhes eram negados e transformavam-nos em lugares de libertação profunda. Foi nessa entrega que se começou a construir, de forma orgânica, uma verdadeira “dance scene” local — apoiada largamente por quem nela acreditava. À revelia, e por todos os meios necessários, encontrava-se sempre forma de dançar em conjunto. A verdade que hoje assombra a noite — a presença constante das forças policiais, frequentemente com a única intenção de encerrar tudo o que não esteja alinhado com lógicas de monetização ou formatos hegemónicos — contrastava

fortemente com o espírito de outros tempos.

Nos anos 90, a descentralização das raves — que aconteciam de norte a sul — era uma novidade, e talvez por isso mesmo recebida, em certos casos, com uma espécie de tolerância cúmplice por parte das autoridades.

Ao contrário do que acontecia no Reino Unido, sob o peso repressivo do governo de Margaret Thatcher, em Portugal a polícia chegou, pontualmente, a garantir a segurança nas festas, num espírito tão informal que chegava a ser recompensado com grades de cerveja.

Esse tipo de coexistência — hoje impensável — permitiu o crescimento de uma cultura que alimentava, além da festa, quem dela vivia: DJs, dançarinos, managers e produtores.

Ao mesmo tempo que se descobria como sustentar esta scene, descobria-se também uma nova forma de viver — nascida, mais uma vez, do apoio e da força da comunidade.

Hoje, ao olhar para trás com a curiosidade de quem não viveu esta primeira explosão da música de dança em Portugal, é impossível não romantizar a forma como a noite era mais acessível — mesmo quando implicava percorrer centenas de quilómetros.

A dedicação com que se pintavam banners, se costuravam roupas e se erguiam festas como formas de emancipação — também ela



física — continua a emocionar-nos, sobretudo quando comparada com a realidade fragmentada e difícil da noite, nestes tempos incertos em que vivemos.

Ao desenterrar imagens esquecidas, guardadas em caves e sótãos cheios de pó, vimos o que nos pareceu serverdadeiramente um paraíso — em todos os sentidos possíveis da palavra. Foi isso que renovou em nós o desejo urgente de voltar a colocar a comunidade no centro de todos os discursos que envolvam o ambiente em que trabalhamos. A música, celebrada em liberdade.

Relembrar este passado é, cada vez mais, uma necessidade urgente, especialmente se tivermos em conta a quantidade de festas feitas com fundos próprios, escassos, e uma força de vontade imensa. Procuramos, nesse olhar para trás, a fórmula que fez o impossível, possível. A resposta, claro, é eternamente a mesma: comunidade. Comunidade. Comunidade com todas as nossas irmãs que procuram, com tanta sede e coragem, a mesma libertação que nós.

Vem, e traz um amigo também.









Foto de Rafael d'Oliveira

O Pride não é só uma festa

No ano passado, surgiu na Cova da Moura um Pride comunitário, sem patrocínios de grandes empresas nem branqueamentos do genocídio em curso na Palestina. Este ano, o Black Pride Matters volta à rua, continuando a luta por espaços onde possamos existir por inteiro.

Vivemos na era do activismo empresarial. Lisboa, seguindo as tendências globais, é palco de cada vez mais eventos dirigidos a públicos LGBTQ+ onde grandes multinacionais multimilionárias e até o Estado genocida de Israel conseguem ir lavando as mãos em tons arco-íris. Estes eventos contam com cada vez mais participantes, cada vez mais visibilidade, mas cada vez menos conteúdo.

É nesta Lisboa que surge o Black Pride Matters. Fartos de ser mero ‘token’ ou quota de diversidade em eventos demasiado verticais, os colectivos Bazofó & Dentu Zona, The Blacker The Berry Project e Afrontosas tomaram para si a tarefa de fazer novo e de raiz: “E o Black Pride surge daí. Surge da necessidade de ter um espaço para nós e de um espaço que seja também ele político (...) e de ter esse lado mais comunitário”, explica Jesualdo Lopes, do The Blacker The Berry Project.

Tudo começou com os projectos culturais Bazofó & Dentu Zona, sediados na Cova da Moura. Este espaço acolhe feiras, mercados e eventos culturais; é uma loja, uma livraria, uma biblioteca e um atelier de serigrafia; e tem como objectivo mostrar o talento do bairro no bairro, abrindo-o a novas pessoas e perspectivas.

No ano passado, pela primeira vez, juntaram a vontade antiga de trabalhar a consciência do bairro para estas questões ao descontentamento sentido pelos amigos do The Blacker The Berry Project e Afrontosas na maior parte dos espaços LGBTQ+ de Lisboa, e assim nasceu este Pride negro.

Jesualdo Lopes avisa que este Pride não é igual ao Arraial no centro de Lisboa, “onde é tudo mais organizadinho”. O Black Pride Matters ainda está a começar, mas já tem contribuído, pelo exemplo, para alterar tanto as percepções sobre a Cova da Moura e restante periferia de Lisboa, como sobre o que é (ou deve ser) o próprio Pride.

Este Pride, antes de tudo, é “basicamente um espaço onde pessoas negras queer possam existir”, esclarece Jesualdo. Um espaço onde não tenham de “escolher” nem “invalidar” um dos seus lados, “porque isso não existe”: “Eu não sou eu não sendo queer ou não sendo negro, e sinto que em muitos desses espaços... em espaços negros, se calhar tenho que anular o meu lado queer, e em espaços queer... obviamente não posso anular o meu lado negro, porque é a primeira coisa que as pessoas vêem, mas se calhar (...) tenho de... tone it down a bit [moderá-lo um pouco]...”

O Black Pride Matters também luta por uma verdadeira política de “espaços seguros”, em vez desta segurança estar apenas escrita sem sair do papel, como acontece cada vez mais em Lisboa. Lutam por tornar este trabalho de combate a todas as formas de discriminação contínuo e concreto — onde se incluem as

desigualdades físicas e financeiras.

Estes eventos são luta e contributo real. Ao acontecerem por toda a periferia de Lisboa, garantem que a cultura não fica restrita ao centro da cidade, e que estas populações podem participar dela “nas zonas onde cresceram, nas zonas (...) onde andam na rua e vêem pessoas iguais a elas”. Ao acontecerem gratuitamente, fruto de um enorme esforço comunitário, levam as festas, a música, a dança e a arte a todos, por não os considerarem um luxo: “ou não deveriam ser um luxo, mas eu acho que está a caminhar para aí, hoje em dia”.

Além da entrada livre, o trabalho foi totalmente voluntário e cada colectivo deu o que tinha para garantir todas as necessidades de produção. DJs ofereceram-se para tocar sem receber, as bebidas eram compradas num bar local e no mercado comunitário cada um vendeu os seus livros, arte e roupa.

Apesar de ser uma primeira experiência, “correu tudo muito melhor do que eu estava à espera, a comunidade recebeu-nos de uma maneira incrível!”, garante Jesualdo, lembrando o momento em que membros dos quatro colectivos pintavam um mural negro queer no bairro. Este mural homenageia pessoas negras queer que moram em Portugal, incluindo fotos e frases suas, “e vias pessoas a passar na rua, a olhar, a questionarem-se... mas depois quando viam o pessoal a dançar, e que havia música, ficaram lá e, ao final de um minuto, já vias as tias e as crianças, toda a gente se juntou p’ra dançar, foi mesmo lindo... (...) uma união tipo esquece, incrível, incrível!”

Mas estes colectivos querem mais, sobretudo para conseguir pagar às pessoas, mas Jesualdo Lopes rejeita patrocínios de grandes empresas, vendo a solução para o financiamento como necessariamente comunitária — a única forma de garantir autonomia e auto-suficiência é a comunidade financiar-se a si própria.

Para já, este Pride conta com o apoio do Coletivo Gira, com o qual farão rodas de samba; do Círculo Poémia, com o qual farão um Encontro de Poesia e Conversa; do Espaço Santa Catarina; e da Rádio Quântica. Esta programação tem como objectivo angariar fundos para os custos de produção, e a ideia é espalhar-se por toda a periferia de Lisboa.

Este ano, um dos maiores eventos de activismo empresarial do mundo, o EuroPride, será em Lisboa. Considerando as suspeitas sobre as ligações da sua organização ao Estado genocida de Israel, Jesualdo sente que “o Black Pride vai fazer ainda mais sentido, porque vai reforçar essa ideia de que o Pride não é só uma festa e o Pride não começou como uma festa. Eu acho que isso é algo que se tem perdido ao longo dos anos, não só em Portugal, em todo o lado mesmo. E, principalmente agora, (...) acho que é importante as pessoas se lembrarem que (...) por conquistarmos certos direitos não significa que eles não possam ser revogados, a qualquer instante.”

Entrevistas

Neste Caderno, fazemos perguntas antigas e procuramos caminhos novos para as comunidades que queremos construir e proteger.

Entrevistámos o rapper, ex-coordenador da Associação Cultural Moinho da Juventude e activista da Vida Justa, Flávio Almada (LBC Soldjah), sobre perspectivas comunitárias e emancipadoras para a cultura; e Gustrava, do colectivo Qravo, sobre a violência policial contra associações culturais, particularmente de pessoas queer.

O Colectivo Lenha entrevistou Fayxka e Ephe May sobre as suas sessões de mentoria no Laboratório de Rádio Comunitária da Quântica e sobre o que as inspira.



Foto de Amanda Morais

“Quem nos protege temos de ser nós”

Flávio Almada (LBC Soldjah) — rapper, ex-coordenador da Associação Cultural Moinho da Juventude e activista da Vida Justa

Coordenaste a Associação Cultural Moinho da Juventude, na Cova da Moura, contribuindo para o acesso à cultura dos jovens que ali vivem. Quais são as principais carências no bairro? E quais os obstáculos mais difíceis de ultrapassar?

A primeira questão é a prática em termos de políticas públicas, que não leva em consideração a importância da cultura. Nós temos levado, durante décadas, com a questão da ausência de financiamento e mesmo de valorização da cultura que, embora seja espinha dorsal duma sociedade, não é levada em consideração, nem em termos orçamentais. Há uma desconfiança da classe dominante em relação às pessoas que são agentes culturais ou mesmo profissionais da cultura. Há uma desconfiança e, através da falta de financiamento, há uma tentativa de estreitamento da actividade cultural. E, além da questão do financiamento, tem outra questão nos bairros. Por exemplo, enquanto Associação Cultural Moinho da Juventude, fizemos várias candidaturas à Direção-Geral das Artes (DGARTES). Nós temos o Grupo de Batuque Finka-Pé, que já existe há mais de trinta anos, mas mesmo fazendo esse trabalho, e mesmo tendo o nome de Associação Cultural Moinho da Juventude, não somos considerados uma entidade artística ou cultural. Outro exemplo: temos o Kola San Jon, que até teve a renovação de 10 anos da inscrição como Património Cultural Imaterial de Portugal. Nós ganhámos [a renovação], mas antes disso estivemos 10 anos sem nenhum financiamento para fazer essa preservação do Kola San Jon! Esses dois exemplos são ilustrativos, sem falar da questão mais direccionada para a juventude e para outros públicos.

Portanto, acaba por ter de ser tudo voluntário, por causa desse abandono dos vários governos do financiamento que deveriam ter de fazer, é isso?

É um abandono organizado. Não é algo accidental, é algo propositado, porque, se não há uma conjugação entre políticas públicas na questão social e políticas culturais em termos de financiamento, automaticamente há mais dificuldades em criar uma coesão social, uma coesão territorial e mesmo de abrir um caminho para determinadas pessoas que estão mais vulnerabilizadas terem uma saída através da cultura. Então, é uma forma também de ter um impacto na forma como as comunidades mais empobrecidas, sobretudo nos bairros, podem participar enquanto pessoas na sociedade, na chamada “sociedade democrática”. Não há estímulo em termos de acesso a, por exemplo, livros, espaços culturais... então e a malta que trabalha mais de doze horas [por dia] em vários empregos não tem tempo nem espaço mental para participar, e isso condiciona a participação política e também cria uma atmosfera de inibição em que as pessoas acabam por ser directa e objectivamente condicionadas e domesticadas para não participarem.

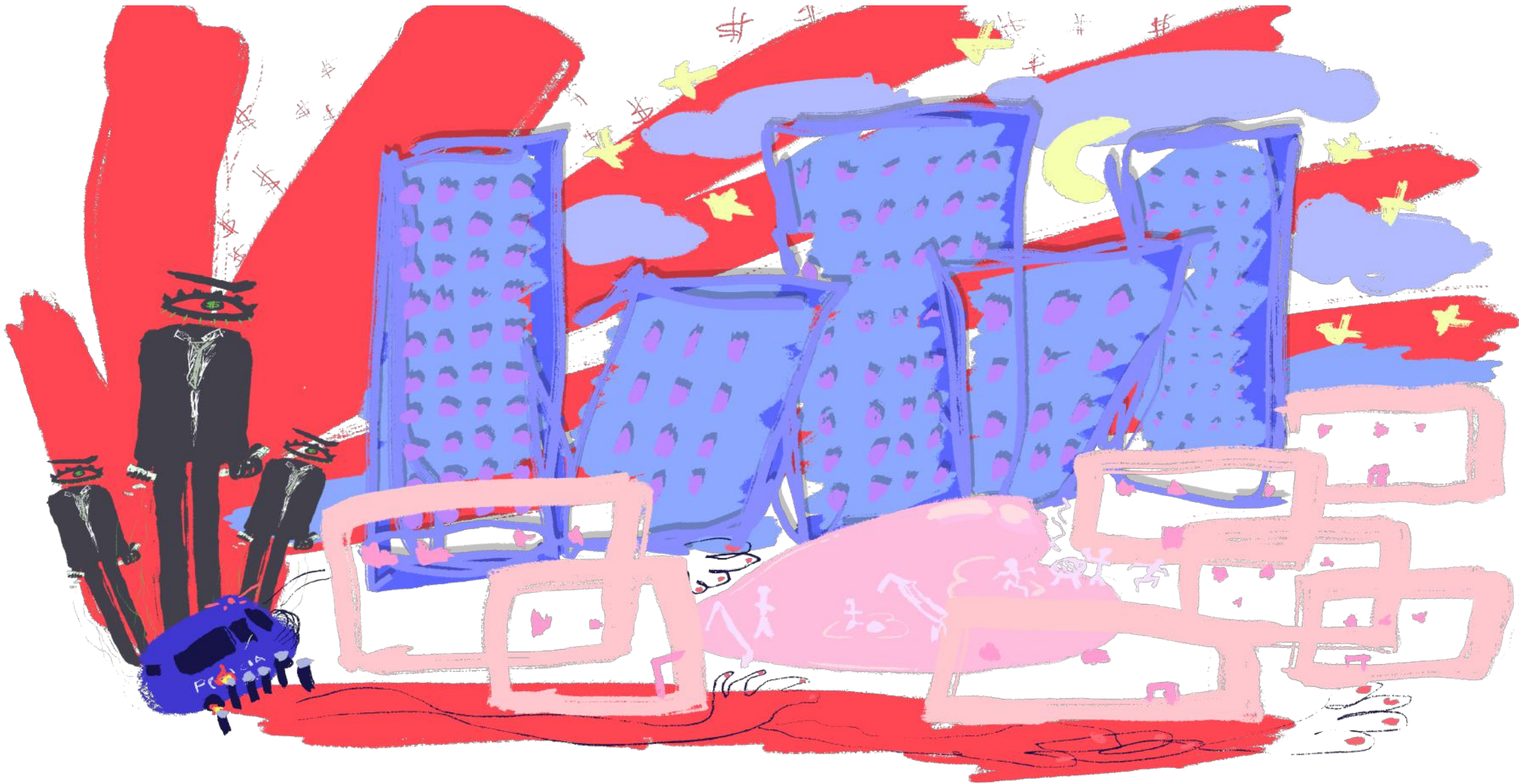
Mas, apesar disso, a Associação continua a existir e, apesar das dificuldades...

A Associação continua a romper os obstáculos, procura romper cada vez mais obstáculos. A Associação não é de agora, tem uma vida activa muito forte desde os anos oitenta, e, mesmo sem financiamento, tem conseguido fazer muitas coisas: manter os grupos culturais e a dinamização do Espaço Jovem da Associação Cultural Moinho da Juventude, que é um dos espaços que potencializou o aparecimento ou a visibilidade do movimento hip hop em Portugal, e mesmo a projecção da imagem da Cova da Moura no espaço público. Acho que isso já é uma grande vitória.

Em 2014, dizias que “os rappers são uma espécie de sociólogos”, de produtores de conhecimento, devendo beneficiar a comunidade. Podes contar-nos alguma história dos impactos da cultura que tens contribuído para trazer ao bairro?

Eu entrei no Moinho, mas eu nunca fiz nada sozinho, né? Vim de várias coisas, vim particularmente do movimento hip hop, mas sempre estive engajado no movimento social, tipo Plataforma Gueto, mais outros movimentos, tanto aqui como em Cabo Verde. E, daquilo que eu posso dizer que os rappers são tipo sociólogos, eu posso dar vários exemplos. Dos movimentos sociais que saíram da periferia, e não só, grande parte dos seus membros fundadores ou integrantes estavam ligados ao movimento cultural hip hop. Por exemplo, o Chullage é um grande MC e um sociólogo, na verdade tem uma formação de sociologia, mais... o General D, a Anabela Rodrigues... o Celso Lopes e mais outros e outras estiveram sempre ligados ao movimento cultural hip hop e participaram, por exemplo, na luta pelo direito à obtenção da nacionalidade de uma forma automática, que teve algumas vitórias, dos jovens que nasceram cá em Portugal e não tinham direito à nacionalidade. [Participaram] no combate à brutalidade policial, na afirmação duma juventude invisibilizada. E fora disso, os rappers também produzem ideias.

Posso dar um exemplo: aqui há uma certa academia que é muito conservadora e nunca abordou o problema da desigualdade estrutural nos bairros — nos casos de racismo, na questão da violência policial... mas em todas as letras dos rappers e das rappers isso sempre aparecia, essa denúncia, essa reflexão, essa crítica ao discurso dominante, dos valores dominantes, da forma como a escola ensina a história, da questão do desemprego, da questão da exploração laboral, da questão das empregadas domésticas... [na academia] isso nunca aparecia, mas no rap estava lá sempre.



Em 2008, dizias à Revista Visão que gostavas de fazer do hip hop o teu futuro, mas rejeitavas a ligação a uma editora. Citando-te: “As editoras não podem raptar a cultura. A cultura é do povo. Uma editora pode vender muitos CDs e o povo continua sem ganhar nada. O hip hop não é isso”. Em 2025, dirias que estamos mais ou menos “reféns” das grandes editoras para viver da música?

Naquela altura já estávamos e eu imagino agora... agora até digo duma forma muito mais complicada, porque o hip hop foi transformado num instrumento de guerra contra as classes exploradas, contra a classe trabalhadora num sentido mais amplo, através da difusão ou da instrumentalização do hip hop para transmitir valores individualistas, a misoginia, o machismo e a cultura da violência horizontal entre pobres e entre bairros. O hip hop, a nível geral — particularmente nos Estados Unidos, assim como aqui também — está a ser usado e até há uma certa cooptação do discurso da extrema-direita dentro do movimento hip hop que é uma vergonha. É uma vergonha que também reflecte que nós não fizemos o suficiente para acabar com isso e dar corrida mesmo a portadores desse tipo de discurso, que são discursos racistas, machistas e elitistas. Então, basicamente o hip hop, neste momento e a nível internacional, funciona como algo para domesticar, criar um consenso de dominação sobre as classes exploradas e até na reprodução de estereótipos das pessoas negras como pessoas selvagens. As editoras controlam isso em termos daquilo que aparece e aquilo que não aparece. Como é que é possível conseguirmos ouvir tanto lixo e nunca conseguimos ouvir rappers como a Jean Grae ou como o Immortal Technique, a nível internacional? E isso ilustra como o hip hop, neste momento, que não é hip hop praticamente, está a ser cooptado pela indústria musical, que está ao serviço do grande capital.

Dirias que esta concentração da cultura em cada vez menos pólos de decisão contribui para uma espécie de “pensamento único”, para o apagamento de formas de expressão cultural mais marginais?

Sim, porque isso não é só o hip hop, [é] ver, por exemplo, quem é que comenta os assuntos nas televisões, nas rádios e nos jornais. A grande parte são pessoas que vêm de um certo meio privilegiado... as televisões estão inundadas de comentadores que não são comentadores, que são empregados do sistema, que nos dizem que devemos comer e calar. É só ver o que se está a passar neste momento em que as pessoas acham que as populações ciganas podem ser agredidas, podem ser insultadas, não podem reagir, não podem dizer nada. E vão apelar aonde? E ninguém vai pôr-se no lugar dessa população para levar porrada, para ser insultado no seu lugar... não é só no hip hop que há uma monopolização de discurso, do pensamento único. Nas grandes mídias também há, porque se for para fazer uma discussão ainda mais aprofundada, até nas redes sociais: os algoritmos também não são neutros e estão programados para obedecer a uma certa lógica, não só na questão de classe, também de racialização e de promover algum conteúdo que que não nos beneficia enquanto pessoas que trabalham, que são exploradas.

Neste cenário, a vida fica ainda mais difícil para as editoras e rádios sem fins lucrativos. Como podemos combater a crescente uniformização cultural em marcha?

Eu não tenho uma receita, porque acho que nós todos estamos já a criar formas mais colectivas de produção de conteúdo com o fim de melhorar a vida da classe trabalhadora. Acho que já é um bom caminho, mas além disso... é dar visibilidade àquilo que é invisível: o discurso ou o conteúdo ou a música ou algo do género que são propositadamente invisibilizados para criar essa coisa de pensamento único. Mas só isso também não chega, [é preciso] toda a gente participar na vida activa dentro da comunidade, recusar ser mero objecto da história ou ficar acantonado face ao aumento do discurso e reaccionário e fascizante.

O Planeta Manas, associação cultural sem fins lucrativos que partilha a sede com a Rádio Quântica, vai fechar no Verão, após várias invasões policiais arbitrárias, geralmente com violência física. Quem nos defende da polícia?

Quem nos defende da polícia? A única forma que vai nos defender da polícia é quando nós tivermos uma organização popular muito forte que defenda o interesse de quem trabalha, que defenda as pessoas oprimidas e exploradas. É isso que vai nos defender, porque a polícia não é nada mais do que um instrumento ao serviço da classe que nos oprime e que nos explora. A polícia não está aqui para nos proteger, a polícia está aqui para proteger a propriedade, essa é a função da polícia e eu não conheço outra prática que não tenha sido esta. Mais do que uma vez, sistematicamente, o Planeta Manas está sempre a ser atacado, sempre a ser atacado, é um exemplo do que também acontece nas comunidades aqui da Amadora, da margem sul... até hoje, a polícia é isto. Quem nos protege temos de ser nós: a combater a injustiça cada vez mais, a denunciar e a marchar na rua também, e a criar processos colectivos de denunciar essa violência e combatê-la... não tenho outra forma de ver isso.

“Queremos que os policiais percebam que também eles são explorados pelo sistema que defendem”

Gustavo Gustrava, 1/3 da CURVS, 1/many do QRAVO

O que inspirou a criação deste coletivo?

Tudo começou durante a segunda rusga policial na festa CURVS, em Fevereiro, quando a PSP forçou a entrada, invadiu uma Associação Cultural sem mandado (o que é ilegal), evacuou toda a gente e conduziu uma “inspeção” (BS) que durou mais de três horas. Quando a bófia foi embora, eu achei que todo o público havia ido pra casa, ou pra alguma outra festa. Mas, para a minha surpresa, pelo menos um quarto das pessoas esperou todo o tempo na rua, até as 5h30 da manhã, com esperanças que a PSP eventualmente nos deixasse em paz e que a gente pudesse reabrir as portas e recomeçar. Esse momento foi muito emocionante, e me fez perceber a força de mobilização da nossa comunidade em torno da CURVS e do PM. Reiniciamos a festa, e eu imediatamente peguei o mic e fiz a promessa de que faríamos a próxima edição na rua, em protesto. Esse anúncio virou um open call online, que reuniu mais de 600 assinaturas em apoio e mais de 60 pessoas para uma primeira reunião de articulação para uma marcha-festa, que aconteceu no dia 03 de Maio, e eu diria que teve quase 1000 pessoas.

Mas a ideia de criar o QRAVO aconteceu um pouco depois, em meio às primeiras reuniões. Decidimos não apenas sair às ruas no dia 03/05, mas também criar um coletivo para continuar a fazer ativismo queer, interseccional e antifascista, para além da marcha. Então a inspiração principal foi a própria manifestação, mas que também veio associada a outras inspirações - principalmente relacionadas à ideia de pensar um “25 de Abril queer”.

Isso porque, também em Fevereiro (mesmo mês da rusga na CURVS), no carnaval de Torres Vedras, havia um monumento que trazia bonecos representando um “exército” super distasteful do que pareciam ser bichas, sapas, travestis, etc, sob um olhar cis-hetero, junto com o questionamento: “Se o 25 de Abril fosse hoje, seria essa a nossa tropa?”. Um ato que ridicularizou a nossa comunidade, como se a gente não tivesse capacidade de lutar (!). Só que esses idiotas nos deram a oportunidade perfeita pra dizer: é essa tropa SIM. E aí o QRAVO nasceu com essa ideia de um novo 25 de Abril que é sim queer, feminista, antirracista, antisionista... que é exatamente esse o exército que vai lutar contra a nova onda do fascismo.

Quais são as vossas principais exigências ao governo e à polícia?

No protesto, apresentámos uma lista de demandas. Algumas das principais são: 1) O fim imediato da perseguição a festas, coletivos e espaços culturais voltados para pessoas imigrantes e LGBTQIA+. 2) Revisão e auditoria pública da forma de atuação do programa “Portugal Sempre Seguro”, que só servem para criar insegurança e aterrorizar trabalhadores imigrantes, LGBTQIA+, racializados, entre outros. 3) A cessação da intimidação policial a associações culturais e locais seguros que promovem a diversidade, a inclusão e a convivência intercultural. 4) O fim da infiltração de agentes policiais à paisana em coletivos e espaços culturais. 5) O fim da truculência e das abordagens abusivas por parte da polícia, que tipicamente atinge pessoas imigrantes, queer e racializadas. 6) Desenvolvimento de mecanismos de apoio e proteção para associações culturais queer e independentes, garantindo seu pleno exercício de direitos constitucionais - entre outras.

Nós também criámos uma lista de demandas interseccionais, como o reconhecimento do Estado da Palestina e o afastamento do coordenador da EuroPride (que é ligado à embaixada de Israel e investigado pelo Ministério Público por suspeita de burla, branqueamento de capitais e falsificação de documentos), a definição de um teto às rendas, a proibição de alojamentos turísticos em áreas com carência habitacional, uma descriminalização mais ampla das drogas, a criminalização do racismo e da xenofobia, entre várias outras.

Defendem reforma, desinvestimento ou abolição da polícia? Porquê?

As três coisas. É claro que o fim da polícia e o abolicionismo penal são nossos norteadores ideológicos a longo prazo. É nessa direção que caminhamos. Mas sabemos que é um caminho bastante longo, e que depende da abolição de uma série de outras estruturas fundantes do capitalismo. E também sabemos que não podemos esperar tantas outras rusgas, abusos, violências, intimidações, repressões, e até mesmo assassinatos cometidos por policiais em nome do nosso projeto ideal de sociedade, sem olhar para as transformações que precisam acontecer agora, a curto prazo, enquanto a instituição existe. Nesse sentido, defendemos também reformas e desinvestimentos, como a desmilitarização da polícia, a ampliação de auditorias públicas para fiscalizar as operações policiais, o rigor no julgamento de policiais que cometem abuso de poder e violações a direitos humanos, a transferência de fundos policiais para programas nas áreas da saúde pública, habitação, cultura e educação, entre outras iniciativas.

Sabemos que a polícia não existe para nos proteger. Pelo contrário, precisamos é de proteção contra a polícia, uma instituição erguida pela herança colonial, que protege o capital e a propriedade de elites escravocratas e supremacistas. Lutamos por reformas imediatas enquanto, ao mesmo tempo, desenhamos estratégias revolucionárias para imaginar um mundo com outras políticas de segurança pública. Por fim, queremos que policiais percebam que também eles são explorados pelo sistema que defendem.



Foto de Antonio Huerta

Que tipo de protestos ou ações já organizaram ou planeiam?

Até agora só aconteceu o protesto que chamamos de “O fascismo persegue - nossa dança é resistência”, no dia 03 de Maio, em que marchámos/dançámos do Jardim do Príncipe Real à Praça do Município contra o abuso policial nos espaços queer de Lisboa. A lógica foi bastante simples: se a bófia quer acabar com a festa, vamos levar a festa pra rua. Portanto, tratou-se de um protesto festivo e artístico, em que o discurso aconteceu pela palavra, mas também pela música, pela dança, pela performance, entre várias outras expressões.

Ainda que tenha tido uma pauta central, foi uma manifestação bastante interseccional, pois sabemos que não há como falar de queer justice sem falar de feminismo, antirracismo, antisionismo, habitação, trabalho, política de drogas, crise climática, luta anticapitalista, etc... sabemos que todas essas coisas se cruzam em nossos corpos, que as nossas múltiplas vulnerabilidades se encontram na pista - e que a polícia persegue a todas. No fim das contas, o corpo é esse elemento que nos conecta: é o corpo que é oprimido, encostado à parede, hierarquizado, enquadrado, estigmatizado... mas que também desvia, que busca outros caminhos, que dança, que marcha, que se expressa, que resiste. Por isso chamamos o QRAVO de Insurgência Queer Antifascista por Corporalidades Livres - é nessa perspectiva body-based que encontramos um lugar interseccional entre diferentes formas de resistência e expressão artística/cultural.

Esta primeira manif foi muito potente e reveladora de um potencial político/festivo/artístico cada vez maior nas ruas de Lisboa, aliado às diferentes formas de protesto contra o genocídio Palestino e à emergência do Carnaval de rua como ato político. Portugal começa a perceber que festa e marcha, corpo e palavra, arte e política, não são coisas excludentes entre si - e que não precisam ser percebidas como dualismos, sob uma matriz binária.

Como podem aliados e o público em geral apoiar a vossa luta?

Há muitas formas de ajudar: participar de futuros protestos e atividades, doar para nosso crowdfunding, divulgar nossas ações, e até mesmo entrar para a rede expandida do coletivo.

Mas, ao discutir o papel dos aliados, é importante voltar a falar de interseccionalidade e reconhecer que esta injustiça contra nós não está separada de um sistema mais amplo de injustiças que afeta muitas outras identidades, comunidades e realidades. Uma pessoa pode ser heterossexual e cisgênero, mas ainda assim ser imigrante. E/ou racializada. Ou ter dificuldades para pagar o aluguel devido à crise habitacional. Ou perder o emprego por expressar solidariedade à Palestina.

A palavra “aliado” ganha um novo significado quando pessoas que não são queer percebem que os mesmos sistemas de poder que nos oprimem também as oprimem, mesmo que de maneiras, escalas ou intensidades diferentes.

As primeiras vítimas do fascismo, historicamente, são as populações e comunidades mais vulneráveis: imigrantes e refugiados, POCs, pessoas LGBTQIA+ / queer, espaços culturais independentes. Mas sabemos que uma hora o fascismo chega pra todos, porque já vimos esse filme. Essa perseguição contra nós deve servir de alerta para toda a sociedade civil.

De uma perspectiva interseccional, se você não faz parte do 1% bilionário-multimilionário-ultra rico (a única minoria que precisamos combater), apoiar nossa causa também beneficia indiretamente a sua. Porque todas estão interconectadas.



Foto de Isa Marques

Que papel têm espaços queer-friendly (bares, clubes, associações) na resistência à violência policial?

Muitos espaços e festas em Lisboa se dizem queer (ou até “a mais queer da cidade” lol), ou acionam uma retórica de “liberdade” ou “deviance”, ou dizem construir espaços seguros para a nossa comunidade. Outras buscam contratar pessoas queer em seus times, o que é bem válido, outras se vangloriam por serem “queer led/owned”, que também é bom... mas eu com toda a honestidade ainda acho muito pouco. Porque, no fim do dia, a grande maioria é sobre business, e se comporta como tal: zero solidariedade, lógica de produto / serviço / cliente, ética de trabalho muitas vezes questionável. Então toda a retórica queer acaba soando bastante mercantilizada, como se essa “label queer” fosse uma commodity, um produto a ser vendido. Quando o bicho pega, como a gente diz no Brasil, não se vê a maioria dessas iniciativas a marchar com nós na rua, ou ao menos a fazer uma postagem em solidariedade.

Eu acho que se um espaço se diz queer friendly, ele deve usar sua plataforma para de fato aprofundar discussões queer e interseccionais, principalmente nesse contexto de perseguição, em vez de criar “experiências queer” liberais, pinkwashed, politicamente vazias, como se fossem um “escapismo da realidade” (ao invés de algo rooted in reality), que não geram debate com as comunidades que mobilizam, e que agem com uma espécie de “neutralidade” nesse momento crítico de perseguição aos espaços mais DIY e independentes, como o Planeta Manas.

Que mudanças sistêmicas são necessárias para acabar com a violência policial contra pessoas queer em Portugal?

A resposta para essa pergunta é muito grande hahah. Mas, em resumo, eu apontaria para o fato de que Portugal é um país com bastante desigualdade, uma das maiores da União Europeia. Cinquenta famílias detêm 17% do PIB. E, como sabemos, as polícias aqui e ao redor do mundo existem para proteger os interesses dessas oligarquias ultra-ricas, lá e cá. Para isso, é preciso criminalizar os mais vulneráveis, para criar a narrativa de que as vítimas são os vilões e continuar alienando a toda a gente. Daí vem o pânico moral criado sobre as discussões sobre gênero nas escolas, sobre o direito de pessoas trans a usar a casa de banho e praticar esportes, sobre a estigmatização de festas e espaços culturais queer, e por aí vai.

Nada do que tem acontecido é por acaso: essa perseguição que estamos sofrendo está em consonância com o aumento exponencial da violência policial e do fascismo, tanto em Portugal, como na Europa, como em todo o mundo. E nós já aprendemos que não é o rainbow capitalism que vai nos salvar: é a transformação - e eventual abolição - do sistema capitalista como ele é. É a taxação de grandes fortunas, é o combate à desigualdade e à especulação imobiliária, é o controlo da gentrificação nos bairros habitados por comunidades vulneráveis, é menos investimento em polícia e mais investimento em saúde, educação e cultura, é a valorização das expressões culturais e artísticas da comunidade queer, entre muitas outras coisas.

Como mantêm o momentum do vosso ativismo?

Agora que fizemos o protesto, estamos em processo de construção do nosso estatuto, valores centrais, protocolos para recebimento de novos membros, etc. Mas o mês do Orgulho está a chegar, e é uma boa oportunidade para desenvolver mais iniciativas e não perder momentum - principalmente porque a EuroPride (ou EuroShame?) acontece este ano em Lisboa. Chamo de EuroShame porque o diretor nomeado para o evento, Diogo Vieira da Silva, foi funcionário da Embaixada de Israel e chegou a co-organizar uma “israeli Pride Party no Finalmente club (além de investigado por corrupção). Ou seja: pinkwashing sionista at its finest, que não deixaremos de denunciar. O combate ao pinkwashing, à narrativa sionista e à commoditização neoliberal e ocidentalizada das identidades queer certamente será um dos nossos principais focos para as próximas atividades.

O que vos dá esperança nesta luta?

Sobre esperança... eu sinto que tenho menos esperança na mudança sistêmica e mais esperança na mudança cultural. E como a mudança cultural dá munição para as armas da mudança sistêmica, talvez seja um bom ponto de partida.

A mudança cultural a que me refiro é a possibilidade de encorajar as pessoas em Portugal a se atentarem para o aspecto político de seus corpos - sejam queers ou não, sejam progressistas ou não.

A cultura portuguesa (e europeia) tem, evidentemente, muitos vieses coloniais. No que diz respeito às relações entre sexualidade, cristianismo e colonialismo, essa percepção de “vulgaridade” direcionada a pessoas imigrantes e/ou racializadas do Sul Global (principalmente se forem latino-americanas ou africanas) desempenha um papel importante – e vem em dobro se também forem queer. Como uma bicha brasileira curvy & piranha vivendo aqui, posso atestar isso. Mas no fim das contas essa moralidade também afeta os próprios portugueses. A combinação da culpa cristã com o pensamento binário europeu cria uma divisão ilusória entre corpo/mente. Como a carne/corpo é o lugar “vulgar” e a mente é lugar do “intelecto” (e da política), esse viés colonial pode tornar muito difícil para uma pessoa portuguesa se conectar com o próprio corpo, sentir orgulho dele, perceber seu aspeto político, libertá-lo.

Repensar a relação com o próprio corpo a partir do reconhecimento de que “é possível fazer política com ele” é chave fundamental pra promover uma ideia corporificada de collective liberation. Porque questionar o que oprime o próprio corpo é a base, é o primeiro passo pra questionar todos os outros sistemas de opressão em nosso tecido social/político. E a comunidade queer é a melhor mensageira dessa ideia.



“música inspira-me, pessoas talentosas inspiram-me, e pessoas apaixonadas pelo que fazem inspiram-me”

Olá, antes de mais ia pedir para te apresentares, dizeres quem és, o que fazes e de onde vens?

Hallo! Sou a Ephe May, atualmente resido no Porto mas na verdade venho do Montijo. Sou DJ, designer gráfica e overall creative girlie, e o meu grande foco dentro da música tem sido o Drum and Bass, o Jungle, apesar de ultimamente até ter vindo a explorar outras sonoridades dentro da Bass Music - desde Garage a Dubstep.

A primeira pergunta que te queria fazer era sobre o próprio Laboratório de Rádio Comunitária, que terminou hoje com a 3ª sessão de mentoria e com 1 hora de programa concebida por ti, por isso queríamos que falasses um pouco sobre esta experiência com o coletivo lenha e a rádio quântica, no sentido de perceber como este tipo de iniciativas pode ter impacto na comunidade musical ou dos djs e da música eletrônica “underground”

Hm! Posso dizer que foi uma experiência entusiasmante e de descoberta, no sentido em que, apesar de já ter alguma experiência atrás dos decks e como DJ, não tinha conhecimento nem noção prévia do trabalho que está por trás de realizar um programa de rádio - quer a nível logístico, ou mesmo criativo. Sinto que passar pelo processo de mentoria com o Coletivo Lenha me ajudou a ter uma nova perspetiva sobre rádio e as possibilidades que existem no que toca a realizar um programa de raíz. E acho que esta perspetiva, ou, neste caso abordagem que tanto o Coletivo Lenha como a Rádio Quântica têm sobre criar e dar espaço a DJs de explorarem e dar a conhecer música que secalhar não chega a um público ‘mainstream’ é extremamente positiva e urgente. No sentido em que acredito que é necessária haver uma partilha de música diversificada, além daquela que nos é imposta por rádios mais mainstream ou algoritmos. Acho que a beleza está na abertura para ouvir novos sons e embarcar nessa descoberta, secalhar até fora do gosto pessoal ou do conhecimento de cada um. Posto isto, acho que este tipo de iniciativas são importantes porque por um lado abrem horizontes para artistas terem mais uma plataforma de partilha e curadoria para além das cabines de clubs e discotecas, onde podem explorar sonoridades que secalhar não se encaixariam tão bem nesses ambientes; e por outro, acho que dá a oportunidade aos ouvintes de experienciar a rádio de uma forma diferente e de encontrar ritmos semelhantes aos que se ouvem no dancefloor, por exemplo, num ambiente que não esse - quer enquanto vão em viagem, estão em casa ou noutro contexto que não o de uma festa ou rave.
So, “win-win situation” a meu ver.

Onde é que vais buscar inspiração , o que te inspira ou quem te inspira? Ou o que te inspirou para começares ou entrares neste mundo?

Tento ir buscar inspiração um pouco a todo o lado na verdade, mas cada vez mais sinto que ver DJ’s a tocar ao vivo e estar presente nessas festas é o que mais me inspira e motiva na verdade. Sinto que é fazer um pouco trabalho de campo, vá eheh. Mas poder ver essas atuações, absorver a música durante a noite - em que grande parte da seleção também acaba por ser novidade para mim - e ter essa experiência a partir da pista de dança, é único e curiosamente dá sempre que refletir. Fora isso, posso dizer que quem me inspira ou em quem ponho os olhos são maioritariamente DJ’s que tive o prazer de conhecer e ouvir em cabines de Norte a Sul: Pix.l, Mix’elle, DJ Ki, Noia,

para nomear alguns. Ah, e ver quem me é mais próximo (e não só), a fazer aquilo que os apaixona e motiva também me deixa sempre inspirada. Resumindo: música inspira-me, pessoas talentosas inspiram-me, e pessoas apaixonadas pelo que fazem inspiram-me. That sums it up.

Quanto ao que me levou a tocar, posso dizer que sempre tive uma ligação muito forte com a música e consumia (consumo ainda, na verdade), mesmo muito. Dei por mim em adolescente a criar playlists super específicas - quer em termos de mood, como de energia ou género. No fundo, e agora que penso, a tentar encontrar um elo de ligação entre as músicas que ia encontrando e ia agrupando-as de acordo com isso. Acho que esse gosto em fazer o meu digging, descobrir música nova e criar pequenos universos sonoros com essas novas descobertas, aliado à minha mudança para o Porto - onde efetivamente tive a perceção e contacto com aquilo que envolve ser DJ -, foram todos fatores que me levaram a percorrer esse caminho. Foi como se desse o clique de ‘espera aí, então há uma forma de fazer sentido de toda a música que ouço e coleciono, mas de forma interativa?’. Sinto que foi uma perspetiva bastante inocente, mas também foi aí que encontrei o brilho e o incentivo para poder partilhar a minha música, aliada também à ideia de que no fundo, podia criar e proporcionar uma experiência através de som.

Queremos saber o que tens planeado para o futuro seja ele próximo ou mais distante, em que eventos vais tocar ou que projectos é que podes partilhar agora connosco para ficarmos atentos?

Em termos de planos para um futuro muito próximo, na verdade, podem encontrar-me a tocar no Porto durante este mês no dia 9 de Maio para celebrar os 10 anos da XXIII no Passos Manuel, e dia 28 no Ferro pela Shuffle Clubbing a partilhar os decks com o Tommy Lee Bones num all night set. Espero vir a anunciar mais datas em breve, mas dancefloors à parte, tenho um programa de rádio para transmitir a convite de gente bonita e talentosa no panorama da Bass Music aqui em Portugal que espero poder partilhar em breve, e conto trabalhar e lançar mais mixes também durante este ano. No fundo, os próximos passos são continuar a partilhar mais música e de forma melhor. <3

“a rádio é a única coisa que realmente atravessou o tempo dentro da arte”

Olá, antes de mais ia pedir para te apresentares, dizeres quem és, o que fazes e de onde vens?

Hey! Meu nome é Fayxka sou artista multimedia sou natural do Brasil Minas Gerais e resido em Portugal há 8 anos.

A primeira pergunta que te queria fazer era sobre o próprio Laboratório de Rádio Comunitária, que terminou hoje com a 3ª sessão de mentoria e com 1 hora de programa concebida por ti, por isso queríamos que falasses um pouco sobre esta experiência com o coletivo lenha e a rádio quântica, no sentido de perceber como este tipo iniciativas pode ter impacto na comunidade musical ou dos djs e da música eletrônica “underground”

Bom desde que soube do convite já fiquei logo entusiasmado por que percebo que a rádio é a única coisa que realmente atravessou o tempo dentro da arte e ainda permanece com um grande alcance. Esses dias de imersão foram ótimo pra experimentar compreender como um cdj e um microfone juntos podem ser mais potentes ainda, e possibilitar abertura pra artistas emergentes construirem algo colaborativo no meu projeto foi mesmo bom!

Onde é que vais buscar inspiração , o que te inspira ou quem te inspira? Ou o que te inspirou para começares ou entrares neste mundo?

Humm pergunta difícil... Bom eu busco inspirações nos meus conterrâneos brasileiros que sempre tão a frente do tempo, e a comunidade LGBTQAP+ imigrante ao redor do mundo que conectamos virtualmente. O que me inspirou pra entrar nesse mundo foi a convivência com afetos que já viviam e fomentavam a arte nos clubs e em roles underground pela cidade, tinha bué preconceito antes e depois me apaixonei hahaha.

Queremos saber o que tens planeado para o futuro seja ele próximo ou mais distante, em que eventos vais tocar ou que projectos é que podes partilhar agora connosco para ficarmos atentos?

Bom sobre meus próximos projetos é tudo meio surpresa até pra mim por que isso de ser artista multimedia me faz sempre em uma temporada, focar mais em alguma área do que a outra, mas dando sequência a este workshop maravilhoso que vocês proporcionaram, quero seguir com meu programa @nograutv e convidar artistas pra rimar em cima de Beats de hard dance, e músicas pra sacolejar o corpo, sigo tendo 2 gigs prós próximos meses no melhor planeta do mundo vulgo planeta manas e continuarei produzindo a festa ATRAKY por lugares na cidade.

Crítica

De que serve a arte sem pensamento crítico?

Neste Caderno, criticamos de tudo um pouco:

a polícia, a filosofia do “poupar tempo”, a Zara do Rossio, o elitismo na intelectualidade, música, literatura... no fundo o que nos deu para criticar.

João Biscaia pergunta “Quem cuida de nós depois de a polícia passar?”), Rita Morais critica a repulsa pelo tempo gasto na cozinha, Catarina Teixeira ironiza sobre o contraste entre a Zara do Rossio e a exploração que a sustenta, Jorge C repensa o conceito de “intelectual”, há uma reflexão sobre conhecimento e espiritualidade por marum e Lou Drago. A cabine deixa-nos algumas sugestões musicais, Markize apresenta a sua plataforma artística multidisciplinar, Bruno Trigo sugere a leitura de Kim Gordon e a escuta de Sinister Grift, Gato Mariano desenha o DJ que odeia DJs e Eunice, Tita Maravilha, Chima Isaaro e Wugori propõem as suas playlists.



Limiares do conhecimento

[Adaptado do texto original em inglês “Thresholds of Knowing”, incluído no n.º 2 (junho, 2023) da zine Social Pleasure, Social Reproduction, editada pelo coletivo Lecken]

Neste mundo, ainda é mais o que não sabemos do que o que sabemos. Por mais perturbador que isto seja, há humildade em admitir que não podemos saber tudo e, como propõe Donna Haraway, “stay with the trouble”, ou seja, aceitar que muitos aspetos da vida são complexos, incongruentes, confusos, intangíveis, instáveis ou inalcançáveis. Admitir a ignorância como uma constante da vida pode dar lugar a investigação, experimentação e, assim, pôr em perspetiva o que achamos que sabemos.

O Iluminismo do século XVII estabeleceu a razão como forma por excelência do pensamento, em detrimento de todas as outras. Por sua vez, a desvalorização de formas intuitivas, espirituais ou emocionais de pensamento levou-nos a menosprezar as nossas necessidades corporais, emoções e intuições para nos moldarmos em sujeitos racionais, trabalhadorxs, num processo de “interiorização dos mecanismos de poder”, de que nos fala Silvia Federici.

Alheámo-nos tanto das nossas necessidades emocionais, físicas e espirituais, que até nos orgulhamos de fazer horas extraordinárias, trabalhar ao fim de semana, ou de sermos capazes de multi-tasking. Só que este namoro com a hiperprodutividade é tóxico. Afoga-nos em escolhas ilusórias, identidades e desejos que não nos realizam e, bem pelo contrário, só nos mantêm na engrenagem capitalista, deixando-nos sem tempo para o ócio ou para a introspeção.

Mas, afinal, que é que estou a sentir? O que é que eu desejo, realmente?

À medida que a organização racional do trabalho se estende aos diferentes campos da vida, até às emoções ou ao “erro” humano, as atividades não-(re)produtivas (como ir dançar a uma rave) são desaconselhadas ou mesmo proibidas, a menos que possam produzir capital financeiro. Os governos de países ditos desenvolvidos têm vindo a aumentar a idade da reforma e a jornada de trabalho, tiram financiamento às artes e às humanidades e atacam liberdades cívicas. Tudo em nome da economia e do “progresso racional”.

Mas o que há de errado com o progresso e a ordem?

A ideologia do progresso, deveras arrogante e inequivocamente patriarcal, fez tábua rasa de séculos de sabedoria não-ocidental e de conhecimento popular, e suprimiu, com efeitos devastadores, conhecimentos de tipo emocional, intuitivo, espiritual e corporal.

No que diz respeito à saúde, a negação da espiritualidade tem-nos privado de ferramentas e técnicas que seriam úteis para nos cuidarmos e curarmos, a nós e às outras pessoas.

Como seria a medicina ocidental se adotasse uma abordagem holística? Como seria o trabalho se quem trabalha pudesse ouvir as suas necessidades corporais e tivesse os recursos para lhes dar resposta?

Aceitar a complexidade pode ser inquietante, precisamente por causa do enorme respeito pelo conhecimento racional ou científico, e da forma como o que sabemos e acreditamos ser verdade influencia a nossa autoimagem.

Em situações como uma pandemia, é importante confiarmos na ciência. Mas, para lidar com os mistérios da vida, mais vale pôr um travão na descrença, dar espaço à surpresa e ao fantástico, nem que seja só para estimular a curiosidade e abrirmo-nos a outras formas de perceção. Esta transformação da consciência pode requerer algum treino, mas está ao alcance de toda a gente. Pode ser que já a tenhamos iniciado através de práticas intencionais como a meditação ou experiências psicadélicas.

Estes estados alterados de consciência transcendem muitas vezes a ciência e permitem refletir sobre questões existenciais de uma forma que as religiões canónicas não permitem. A nós, ravers comunistas queer-feministas radicais, e a nós, que sentimos na pele o neoliberalismo, com os nossos trabalhos precários ou bullshit-jobs, dívidas, sem heranças nem casa própria, sob o peso da violência estrutural e a ameaça quotidiana de ataques transfóbicos, racistas e homofóbicos (nas ruas ou mesmo no seio da família biológica), as religiões, com as suas ideias de fé, moralidade e divino, falharam-nos. Queers de todo o mundo, migramos para as grandes cidades para encontrarmos as pessoas com quem temos lutas e convicções em comum, uma “família de eleição”, tribo ou scene na qual consigamos existir como somos. Ao deixarmos os nossos contextos de origem, tal como escolhemos os membros de uma nova família, também escolhemos conscientemente novos rituais, alinhados com as nossas convicções.

Como preencher o vazio de espiritualidade?

Os rituais são práticas que dão solidez, significado e rotina às nossas vidas. Um beat que se repete, pessoas que dançam como bacantes embriagadas, em êxtase divino, de mãos ao alto, a cantar e bater palmas; a navegar uma high que pode resultar da batida, do que consumiram, do sentimento de coletividade ou de tudo

isso ao mesmo tempo. O movimento sincrónico dos corpos pode gerar um alinhamento de crenças, propósito e ritmo. Para a nossa geração, pós-religiosa, o club parece ter preenchido o vazio deixado pela igreja; lugar de ritos de passagem, experiências transcendententes, morte do ego, experimentação sexual e identitária e todo o tipo de transgressões somáticas e farmacológicas. Os paralelos são evidentes: regularidade, sentido de comunidade, devoção e êxtase.

O queer club Planeta Manas situa-se por acaso numa tríade divina. O 1.º andar do edifício é uma fábrica, lugar das fornalhas e das máquinas do trabalho eterno; no 3.º andar, o mais alto, um templo de igreja universalista a olhar o céu; no meio, o Planeta Manas, um lugar liminar entre a vida e a morte, onde o corpo experimenta estados de transcendência. Ao fim de semana, entre o cair da noite e o nascer do dia, cruzam-se nas escadas ravers e seguidorxs da igreja, embriagades das respetivas experiências extáticas.

Tanto a Igreja como o Club são permeáveis ao capitalismo. No entanto, como se viu durante o COVID, para muitas pessoas, alguns clubs são muito mais do que lugares de consumo nos moldes capitalistas. Apesar da realidade opressiva, da falta de recursos e do sofrimento acumulado, vimos multiplicarem-se, por exemplo, free raves, e pudemos constatar o enorme poder de uma misteriosa pulsão para a dança extática em coletivo.

Como escreveu a nossa amiga Mariana Nobre Viera em State of Rave, a rave é, ao mesmo tempo, um estado de prazer e mágoa, em que abraçamos o caos e brincamos com o desconhecido. As muitas pessoas cuja vida social gira em torno de clubbing e raving, ao juntarem-se em espaços que são, muitas vezes, ruínas, e participarem em rituais de dança e polintoxicação, ligam-se a uma linhagem ancestral de incansáveis ensaios de sociedades de abundância e maior liberdade, em que se partilham crenças, moral e práticas em contracorrente. As efémeras comunas que são estas festas têm o poder de unir pessoas para o resto das suas vidas, de inspirar (sub)culturas, alimentar movimentos políticos, transformar a realidade (também a realidade material) de maneira contundente.

As práticas de dança extática (tradicional ou contemporânea) são portal para momentos transcendententes, tal como o são as vibrações mais subtis que podem ser encontradas na música drone, ambient ou experimental.

Onde a religião ou as estruturas sociais e de governação convencionais falham, nasce o desejo de libertação das forças opressivas da cultura dominante. Para além da pista de dança, forjamos espaços e projectos que concretizam aquilo a que adrienne maree brown chama “prática iterativa”: praticar a política que desejamos ver reflectida na sociedade em geral. Como nos projetos Planeta Manas, infinity rug, Techno Drift, Queer Sangha ou Community Care Pods, que se centram na coletividade, no cuidado, e aprendizagem partilhada. Assim, experimentamos formas de relação (consigo mesmo e com outras pessoas) mais enraizadas no corpo. Nestes projetos, há quem se dedique a tentar compreender ou curar (ciclos de) trauma, quer seja individual, intergeracional ou social.

Enquanto geração pós-religiosa, ainda estamos à procura de novos rituais de luto que nos permitam lidar com a perda e a mágoa que lhe está associada. As quebras na transmissão de conhecimento espiritual, a deslocação cultural ou a rejeição dos valores e modelos familiares tradicionais deixaram-nos sem ferramentas para responder aos muitos desafios que ainda temos de enfrentar. Que práticas de luto podemos imaginar e desenvolver para lidar com mágoa e perdas insuportáveis, como as mortes de pessoas que amamos, dentro da comunidade, e com perdas de todos os dias, como no caso do luto climático?

Se olharmos para as iniciativas que vimos vendo surgir nas nossas comunidades, podemos talvez ver um esboço de vida alternativa queer-feminista. Não cremos que haja um ponto de chegada, que vamos conseguir estabilidade absoluta ou alcançar a perfeição, mas podemos imaginar uma vida em que sejamos capazes de nos cuidar em conjunto e de nos sentirmos coletivamente menos precárias - apesar de toda a incerteza.

Propomos praticar coletivamente a suspensão da descrença. Ceder, ainda que temporariamente, às forças do mistério, da magia e do caos. Quando entramos em contacto com “o poder do erótico dentro de nós” de que falava Audre Lorde, podemos surpreender-nos com a natureza reveladora dos nossos verdadeiros desejos.

Referências:

adrienne maree brown, Emergent Strategy

Audre Lorde, Uses of the Erotic: The Erotic as Power

Donna Harraway, Staying with the Trouble

Mariana Nobre Vieira, State of Rave

Silvia Federici, Calibã e a Bruxa

Quem cuida de nós depois de a polícia passar?



Entre setembro de 2018 e março de 2019, três guardas da GNR sequestraram, agrediram e torturaram vários trabalhadores sul-asiáticos apanhados aleatoriamente na rua, em Odemira.

Em janeiro de 2020, Cláudia Simões foi agredida pelo agente Carlos Canha, da PSP, porque a sua filha se esqueceu do passe gratuito dos transportes públicos, na Amadora.

Em março de 2020, Ihor Homeniuk morreu após ter sido espancado e deixado algemado no chão por três agentes do SEF no aeroporto de Lisboa.

Em setembro de 2021, Danijoy Pontes e Daniel Rodrigues foram encontrados mortos na mesma prisão, em Lisboa, com 40 minutos de diferença; as autópsias encontraram vários tipos de benzodiazepínicos e opíoides nos sistemas de ambos; as suas mães suspeitam, ainda hoje, de negligência agravada da direcção da prisão e de violência por parte dos guardas prisionais.

Em fevereiro de 2022, a PSP invadiu pela primeira vez o Planeta Manas. Agentes não identificados da Unidade Especial de Polícia procederam a atitudes de intimidação sobre os presentes, incluindo revistas ilegais e insultos homofóbicos.

Em março de 2022, um cabo do exército violou uma mulher, filmou o abuso e partilhou as imagens com vários colegas, incluindo um superior hierárquico que não denunciou o sucedido; este superior é hoje militar da GNR em funções.

Em abril de 2022, cerca de 50 agentes da Equipa de Intervenção Rápida da PSP foram chamados a uma acção de despejo no bairro Carlos Botelho, nas Olaías, e agrediram várias pessoas, sobretudo mulheres.

Em novembro do mesmo ano, Rubens Prates, de 18 anos, foi sequestrado e levado para a esquadra da PSP da rua da Palma e agredido e torturado durante seis horas; nos meses seguintes, foi perseguido por outros agentes da PSP em vários pontos da cidade de Lisboa, vítima de assédio sexual e detenções arbitrárias.

Em abril de 2023, durante uma manifestação pelo direito à habitação, agentes da PSP sequestraram duas manifestantes para as coagir a identificarem-se; quando centenas de pessoas se reuniram para exigir a sua libertação, a Equipa de Intervenção Rápida carregou sobre a população geral, ferindo várias pessoas, incluindo jornalistas.

Em dezembro de 2023, a PSP carregou sobre adeptos de futebol e transeuntes alheios ao que se passava nas imediações do Estádio José de Alvalade, em Lisboa; várias pessoas, incluindo velhos e crianças, ficaram feridas com gravidade depois de agressões com bastões na cabeça e tiros de bala de borracha à queima-roupa.

Em fevereiro de 2024, a PSP carregou sobre cerca de 50 manifestantes antifascistas na praça do Município, em Lisboa, para permitir um ajuntamento de neonazis numa “manifestação” islamofóbica; mais de 15 pessoas ficaram feridas, incluindo dois jornalistas. Meses depois, no dia 10 de junho, o mesmo aconteceu junto ao Padrão dos Descobrimentos, em Belém, durante mais um ajuntamento neonazi.

Na madrugada de 21 de outubro de 2024, agentes da PSP perseguiram, agrediram e assassinaram a tiro Odair Moniz numa rua na Cova da Moura, Amadora, alegadamente por causa de uma contra-ordenação de trânsito (um traço contínuo pisado; as primeiras informações vazadas à comunicação social, prontamente desmentidas pela família, diziam que Odair havia roubado o carro que conduzia) e “resistência” à detenção. O auto de notícia foi falsificado pelos superiores hierárquicos do agente que disparou os tiros que mataram Odair, passando a incluir uma suposta arma branca que, afinal, nunca existiu. Nos dias seguintes, a PSP perseguiu, assediou e intimidou a família de Odair, tendo arrombado a porta de sua casa enquanto esposa e filhos faziam o luto.

Entre outubro de 2024 e fevereiro de 2025, o Planeta Manas foi quatro vezes invadido pela PSP, por agentes à paisana armados mas sem identificação, e por equipas de intervenção igualmente não identificadas e sem qualquer tipo de mandado. Repetiram-se as revistas ilegais, a atitude ameaçadora e intimidatória, e os comentários homofóbicos e racistas. Vários membros da direcção e associados da Associação Cultural Mina, cuja sede é o Planeta Manas, foram agredidos.

Finalmente, no dia 25 de abril de 2025, a PSP permitiu que mais um ajuntamento de neonazis se movesse livremente pela baixa da cidade de Lisboa. Estes intimidaram imigrantes, antifascistas



e outro populares, indo desta vez em direcção ao local onde termina a marcha anual de celebração da Revolução. Perante a inacção incompetente (e simpatizante) da polícia, elementos desses grupos agrediram várias pessoas com gravidade, sob as ordens do neonazi Mário Machado.

É claro o denominador comum em todas estas histórias: a polícia. A polícia que ameaça, persegue, assedia, intimida, insulta, espanca, tortura e mata impunemente, por sistema, por gosto e como modo de agir.

Depois de a polícia passar, os médicos dizem que o seu trabalho é fazer diagnósticos; os políticos dizem que há boas pessoas de ambos os lados; os comentários na internet dizem que só se perderam as que caíram no chão; a Inspeção Geral da Administração Interna diz que não foi possível identificar os agentes; o Ministério Público arquiva o processo; a PSP diz que se investigou a si própria e não encontrou nada de mal. No máximo, há um tribunal que aplica uma multa e uma pena suspensa.

Ficamos cá nós, mães e pais, filhos e filhas, companheiras, irmãos, amigos, camaradas, a lamber as nossas feridas depois de cuidarmos das dos outros, no limiar da exaustão física e mental. A ideia também é essa: tornar-nos desinteressados, amedrontados e traumatizados, para nos desanimar e nos afastar a priori.

Sistemicamente, o propósito final de todas essas acções violentas é o mesmo: castigar uma existência desviante às normas por ousar existir, e aplicar-lhe extrajudicialmente um castigo que leve essa existência ou a conformar-se ou a afastar-se, enfim, a deixar de existir, de importunar a “ordem pública”. Se a tua existência é vista como uma transgressão, só com uma rede de apoio mútuo forte e abrangente nos podemos proteger uns aos outros e afirmar sem medo que nenhuma existência é “ilegal”.

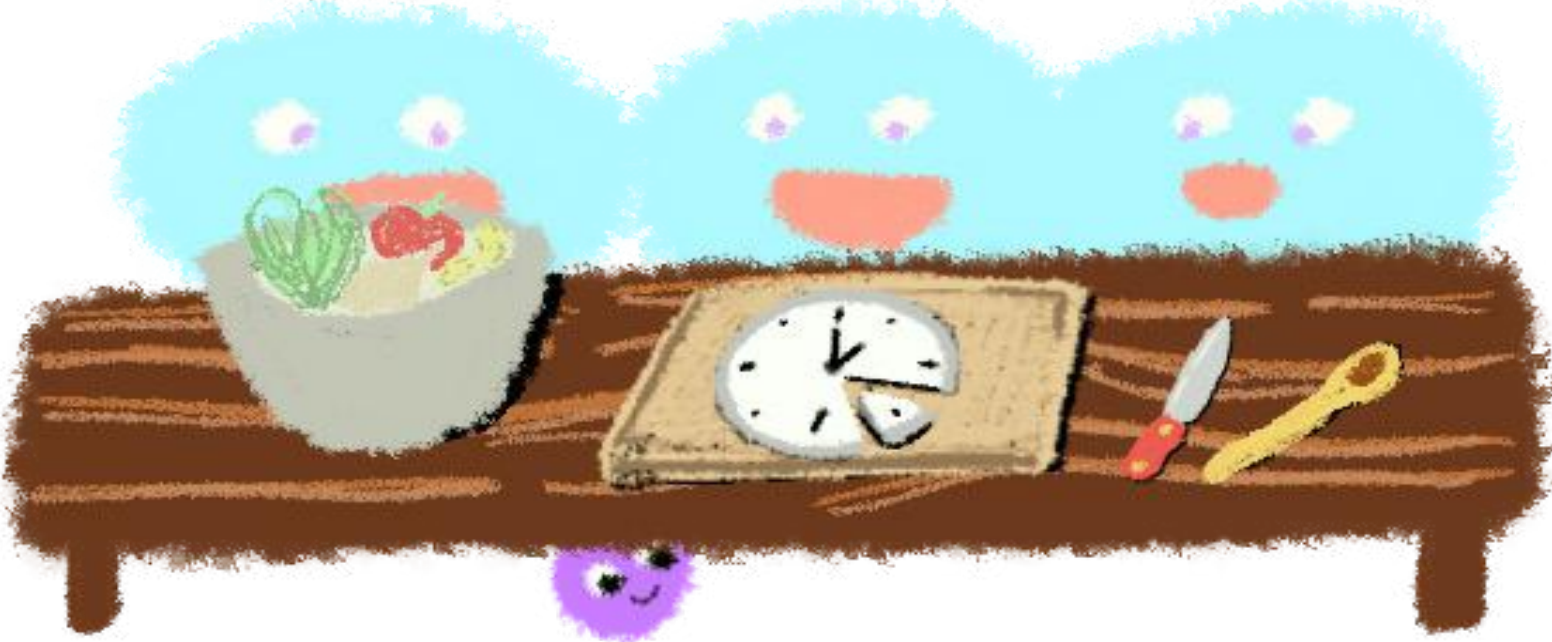
Se admitimos que o fascismo está em crescendo, e que a polícia é e será a sua milícia desavergonhada que perseguirá quem é “inconforme”, então temos de perceber que o direito à existência ficará cada vez mais restrito e que a violência será cada vez maior e mais abrangente. Haverá muita gente a ser apanhada na curva, obrigada a repensar de que lado está, e se a sua vida poderá realmente continuar sem sobressaltos. Eventualmente terá de escolher um lado, e este lado implica solidariedade e cuidado incondicionais.

Neste momento, são poucos os que cuidam. E mais justo seria dizer “são poucas”. Vemos sempre as mesmas caras nas vigílias, nos protestos, nas campanhas de denúncia. Os mesmos corpos exaustos, os mesmos rostos marcados, as mesmas vozes roucas, os mesmos olhos paranóicos. E a cada nova brutalidade policial, a cada novo caso de violência, torna-se mais difícil manter a energia, a esperança, o equilíbrio mental, a vontade.

Não podemos contar com as instituições. À medida que as crises políticas, sociais e climáticas se intensificam, o fascismo só ganha mais força. O medo e a instabilidade são o seu combustível. Quem “manda” facilita-lhe o caminho.

Estamos desorganizados, fragmentados, muitos de nós traumatizados pela violência que testemunhámos ou sofremos na pele. Precisamos urgentemente de novas formas de distribuir o peso do cuidado, de estabelecer redes de apoio e solidariedade, não porque isso resolverá o problema estrutural da violência policial, mas porque não podemos continuar a sacrificar sempre os mesmos.

A exaustão não é um efeito colateral da luta — é uma ferramenta de controlo. Quando estamos demasiado cansados para reagir, quando o trauma nos paralisa, quando a tristeza nos isola, o sistema ganha. Por isso, cuidar uns dos outros não é apenas um gesto de compaixão — é uma necessidade prática para continuarmos a existir. É o que nos sobra. E é também o que impede que esta violência se torne absoluta. Enquanto houver quem fique depois de a polícia passar, ainda não está tudo perdido.



(mais tipo uma) Oração ao Tempo

Desconsidero a generalidade dos artefactos, receitas ou outro tipo de propostas, mais ou menos novidade, cuja essência o mercado enforma na filosofia do “poupar tempo” na cozinha. Não digo aqui filosofia como introdução pretensiosa, mas justamente porque me ocorre que esta categoria encobre um sistema que nos interessa pensar criticamente, uma perspectiva maior sobre o nosso tempo e quem dele beneficia.

Esta é uma conversa delicada, porque é muito fácil que caiamos no que pode parecer uma moralização despropositada e arrogante sobre opções individuais, preferências e preguiças, tudo isso, enfim, matérias extremamente legítimas, além do perigo de poder ignorar, tantas vezes, as condições de vida da maioria dos trabalhadores, onde, entre jornadas de trabalho insanas, afazeres familiares (e aqui as mulheres continuam a ser as principais provedoras, com uma sobrecarga brutal, desigual e opressora), sobrar pouco tempo, pouca paciência, nenhum entusiasmo.

O que me parece mais curioso e importante de criticarmos são os traços comuns que observamos nas práticas, nas opções, que confluem numa coerente repulsa pelo tempo gasto na cozinha. Esta é uma repulsa que eu acho inimiga de nós próprios e, por isso, me interessa combater e transformar.

O tempo passado na cozinha é um tempo de dignidade multiplicável: cozinhar é um acto de cuidado íntimo directo, connosco e com os que queremos, da saúde física, emocional, intelectual, criativa, cultural. Acho que pensar, decidir e fazer o que comer é, das atividades domésticas, a que mais consequências positivas aporta.

A indústria tem sido muito competente na criação de soluções rápidas (electrodomésticos, acessórios, produtos alimentares, receituário) que, por via de opções de consumo, simultaneamente cria a ideia de que tempo na cozinha é desnecessário, e alimenta a nossa necessidade de poupar tempo, mais um daqueles ouroboros absurdos que o capitalismo urde.

O que proponho que questionemos, como ponto de ruptura, é: que urgência esdrúxula é esta que torna tão verosímil, tão acedível, tão massificada a ideia de necessidade de poupar tempo na cozinha? Porque é que eu preciso de poupar esse tempo? Ou, noutra versão: para onde vai esse tempo? Para o trabalho. Todo o tempo que “otimizamos” (pensando isto metabolicamente, para além dos micro-eventos individuais) é convertido, directa ou indirectamente, num aumento de produção laboral, cujos resultados, sabemos, continuam genericamente a engrossar a discrepância de ganhos entre trabalho e capital. É a dominação do tempo do trabalho sobre o tempo da vida que orienta

esmagadoramente a gestão dos dias. Digo, trabalhamos mais e melhor, cozinhamos menos, mais rapidamente, e o capital colhe, como sempre na sua história, os frutos mais preciosos do nosso tempo, frutos de que abdicamos ainda antes de os criar.

É uma espécie de despojamento prévio, apriorístico.

Acho que não será um equívoco maior, esta afirmação.

É por oposição a esta ideia que me tem parecido cada vez mais importante e rico cada segundo passado na cozinha. Cada sopa que faço na panela, controlando meticulosamente os passos da sua elaboração. O arroz que reaqueço na frigideira e que me permite comer uma refeição mesmo boa, em vez de uma argamassa ressequida, que é invariavelmente tudo o que sai de um microondas; o total de minutos (que são poucos minutos) que dediquei, ao longo de um dia, a trocar a água ao feijão que demolhei, o tempo que esperei para que a água fervesse e para que o feijão cozesse até ficar no ponto; o café que faço na cafeteira em vez da vil beberagem que sai da “cápsula”.

O que eu penso sobre esse tempo é isto: passei-o comigo e com os meus; esse tempo, o trabalho já não me tira.

E gosto muito desta ideia.

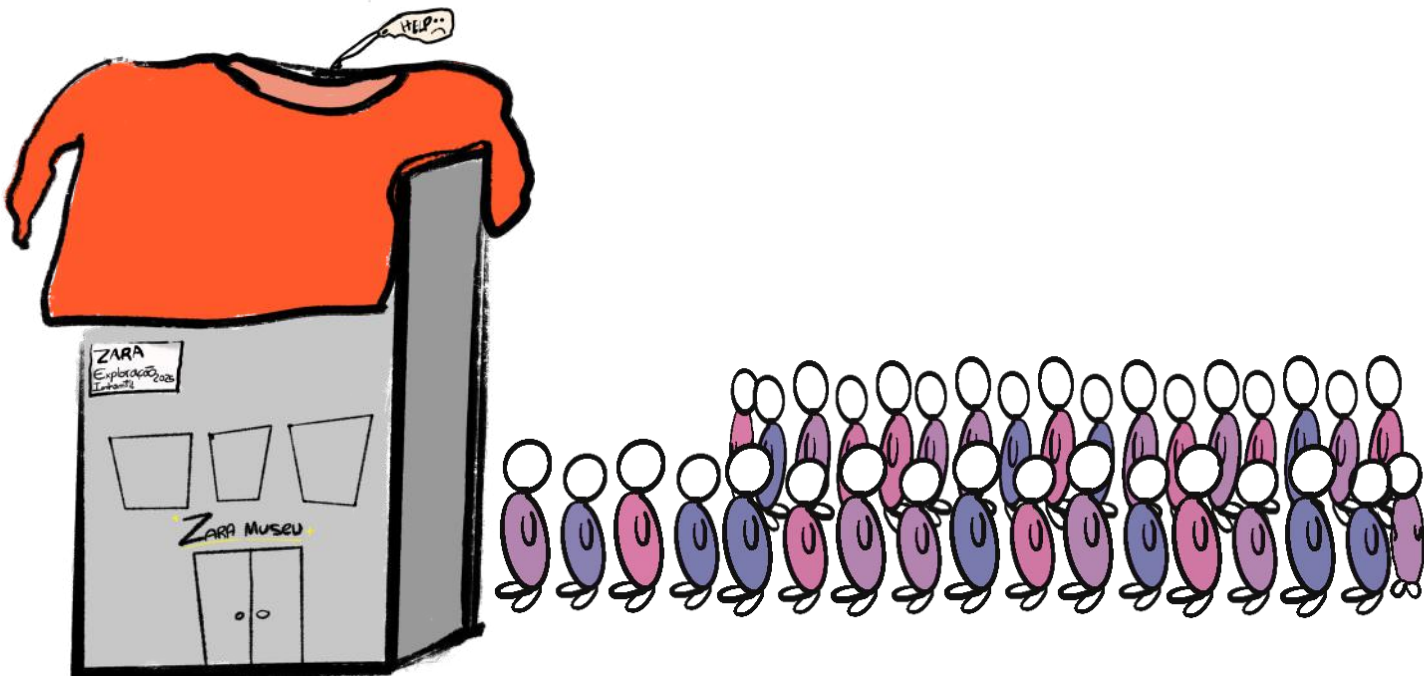
Mas atenção! Esta perspectiva não esgota, de maneira nenhuma, outras possibilidades e perspectivas

de respostas colectivas e /ou de socialização destas dimensões da vida (penso aqui, por exemplo, nas cantinas sociais, tema a que quereirei voltar num outro momento).

Como disse atrás, o tempo passado na cozinha é um tempo de dignidade multiplicável, mais uma daquelas dignidades das quais nos procuram espoliar, e que podemos, com generosidade e dentro das nossas contingências reais, atrever-nos a tentar resgatar para nós.

*Ainda assim acredito
Ser possível reunirmo-nos
Tempo, tempo, tempo, tempo
Num outro nível de vínculo
Tempo, tempo, tempo, tempo
(Caetano Veloso)*





A Zara Rossio não é uma loja – é a nossa cultura.

*A Zara Rossio apresenta-nos um modelo inovador e sustentável
que propõe resolver o subfinanciamento histórico da cultura – tiremos notas, camaradas!*

Antigamente, quando se pensava numa loja de roupa, o que vinha à ideia era um espaço onde, quando precisávamos de alguma peça, a podíamos encontrar, experimentar e comprar. E as lojas da Zara costumavam levar estas três componentes a sério – a pessoa entrava, conseguia perceber rapidamente onde estava o quê, escolhia, experimentava, comprava, e depois seguia com a sua vida. O problema é que este conceito já estava muito datado. Ir a uma loja já não tinha charme nenhum. Felizmente, o Grupo Inditex identificou este problema e tratou de o resolver: *“Este novo conceito de loja oferece ao cliente uma experiência de moda única que acreditamos ser o que as pessoas valorizam”.*

Agora, ir a uma loja pode ser muito mais do que ir a uma loja. Este novo conceito, além de conceito, é também uma “concept store”. É uma experiência e um “espaço de experiência”. É uma “zona de lazer, um playground”. É um feito arquitetónico com “a tradição artesanal e o saber-fazer portugueses”. É ambição e exercício físico – a NiT constatou que são precisos pelo menos 45 minutos para percorrer tudo. É habitação (ou, pelo menos, réplica de habitação) e atracção turística e cultural. É um museu, um café, e um lugar de passeio. No fundo, se nos empenharmos muito, a loja pode ser a cidade toda. Estamos em 2025. Já não é tempo de ir a uma loja porque precisas de alguma coisa – nesses casos, como bem sabemos, o melhor é mesmo mandar vir da net. Em 2025, já não precisas que te mostrem a roupa toda, mas és algum otário? A loja-conceito, esta nova cidade, está antes cá para ocupar o espaço deixado vago pelo subfinanciamento das artes e da cultura – o espaço para a imaginação, o questionamento, a maravilha! Uma mala aqui, um par de sapatos ali, dois casacos acolá. Haverá noutras cores, tamanhos e feitios? Talvez, quem sabe, aí, as possibilidades! Noutros tempos, quando não encontravas o que querias, ias logo aborrecer um trabalhador com perguntas, ias pedir-lhe para ir ao armazém buscar a tua cena, mas não farias isso num museu, não é? No museu, para começar, não estás à procura de nada em concreto. Depois, já que lá estás, aproveitas e vais ficando, vais tirando umas fotos para as redes, vais desfrutando do ar condicionado, vais explorando, vais vendo, sem ânsia nenhuma porque não há nada por que ansiar. As cenas estão por aí e tu queres é estar por aí com elas, a olhar para elas e a imaginar-te nelas, geralmente sem tocar na maioria delas – cá está, como nos museus!

E como um museu europeu raramente está completo sem um pouco de colonialismo, também neste espaço encontramos peças trazidas do Sul global. Afinal, onde mais encontrariam os curadores algodão a preço de chuva, mas certificado como sustentável pela Better Cotton? Não se fazem omeletes sem partir alguns ovos, e não se consegue algodão para expor em larga escala sem invadir e ocupar ilegalmente algumas terras para a desflorestação em massa no Cerrado brasileiro. Daqui, este algodão viaja um pouco por todo o mundo, por uma série de fábricas cuja localização nem sempre pode ser divulgada publicamente – como se costuma dizer, o segredo é a alma da... arte? Apesar do mistério em torno do que se passa nestas fábricas (ou, se quisermos, ateliês), conseguimos obter informações sobre os artesãos através de algumas investigações jornalísticas corajosas. Sabendo que a sua arte será exposta em alguns dos maiores palcos do mundo, como é o caso da Zara Rossio, estes artistas são incansáveis – trabalhando, em algumas regiões da Ásia,

sem sequer 10 minutos de pausa! Contudo, mesmo com estes níveis de dedicação, é sabido que se encontra, a espaços, tempo para a transmissão de conhecimentos às crianças e aos leigos, cuja compensação é muito mais emocional do que exactamente financeira. Este clima de paixão pela criação propicia o surgimento de peças únicas, como foi o célebre caso de Novembro de 2017, em Istambul. Os visitantes das lojas-conceito Zara na Turquia foram surpreendidos com pequenos papéis escritos à mão, cuidadosamente colocados nos bolsos de algumas das peças. Nestes papéis, os artesãos pediam ao público que pressionasse a Zara para lhes pagar os salários em atraso. A obra fez manchetes por todo o mundo, rompeu com as concepções artísticas do passado, e poupou algum dinheiro à Zara que, em pleno rodopio mediático, conseguiu compensar financeiramente apenas parte dos artesãos – podemos perfeitamente supor, e com propriedade, que os demais se terão contentado com a oportunidade única de ver o seu trabalho nas bocas do mundo!

Depois do algodão ético tirado do Brasil passar por este complexo processo de criação à escala mundial, é em espaços como a Zara Rossio que as peças finalizadas encontrarão públicos com sensibilidade estética à sua altura.

Todo o espaço é cuidadosamente preparado pelos cerca de 300 elementos da equipa de montagem da exposição. Este grupo profundamente dinâmico opera em alta rotação todos os dias da semana, num clima onde a diversão, a boa disposição, e a saúde são colocadas em primeiro lugar. Para manter a surpresa constante e a excitação, indispensáveis à criação artística, esta equipa nunca sabe exactamente que horários poderá fazer – ao que parece, o conceito de flexibilidade laboral implementado pela Zara Rossio implica alterações diárias aos turnos e escalas de folgas. Mas que grande sapatada na monotonia, bravo!

Como a saúde também não pode ser descurada, esta equipa de montagens nem sempre tem acesso aos elevadores para se movimentar pelos quatro pisos do espaço. Com este tipo de motivação, fica difícil arranjar desculpas para não atingir esses 10 mil passos por dia!

É com esta mestria e inteligência que a Zara propõe a sua alternativa sustentável para o financiamento da cultura – tiremos notas, camaradas! Neste modelo de negócio, ninguém é deixado para trás. A entrada é gratuita, como deve ser. Os trabalhadores fazem horários de grande dinâmica e recebem salários com uma componente emocional, como acontece um pouco por toda a cultura (e faz sentido que assim seja!). Dá para tirar grandes fotos, ir à descoberta, passear, ver e ser visto, passar ali um bom bocado e ir embora felizes – com uma tote bag personalizada (até para podermos anunciar ao mundo, estejamos onde estivermos, que já fazemos parte do grupo exclusivo de agraciados com a honra de visitar a Zara Rossio), uma caixa de pastéis de nata (como creio fazer parte da lei municipal lisboeta), eventualmente um original da exposição – eventualmente! – e a certeza mais segura

e reconfortante que a cultura nos pode dar: fizemos parte, pertencemos ali a qualquer coisa de significativo.

E a melhor parte? Não tens de te chatear com nada! Não é um daqueles museus aborrecidos com sócios, quotas, assembleias, discussões e, pior, decisões colectivas – tu sabes lá o que é que queres ver, pá!

Neste museu, a melhor parte é realmente essa: tu e eu só temos mesmo de aparecer.

O intelectual em construção

Há dias, o jornalista Nuno Aguiar perguntava «em 2024, quem são os intelectuais portugueses?». A pergunta, na minha leitura, traz com ela duas questões: uma certa desesperança no espaço mediático e, em última análise, a própria definição de intelectual.

À pergunta acresce, também, o risco de alimentar velhas caricaturas ou equívocos sobre a realidade intelectual em Portugal. Ao elitismo da conceção da intelectualidade contrapõe-se sempre um desprezo pelo papel dos intelectuais – uma divisão classista explorada pela demagogia mais reacionária, como tão bem o demonstra a obra do francês Raymond Aron *O ópio dos intelectuais* (1955).

Foi precisamente esta narrativa que contribuiu para que, durante os anos da Guerra Fria e, em Portugal, durante o fascismo, os intelectuais fossem uma espécie de proscritos, burgueses hipócritas que disfarçaram estar muito preocupados com o povo, mas que só o faziam porque o seu estatuto o permitia. Aron recorria, aliás, a uma frase de Simone Weil que atacava o marxismo através dos seus intelectuais, espalhando uma confusão que assumia um propósito de descrédito político e que Aron ampliou numa das obras mais icónicas, que serviria de guião para a direita e para a sua propaganda demonizadora, muitas vezes com consequências devastadoras.

Em Portugal, durante décadas, os intelectuais foram submetidos à invisibilidade por força da repressão do fascismo. Censurados, presos e alguns assassinados, com a exceção de corajosas publicações como a *Vértice*, *O Diabo*, *o Sol Nascente*, a *Seara Nova* ou o clandestino *Avante!*, o espaço para a livre reflexão e debate de ideias não existia, apesar de haver proeminentes figuras académicas com exposição mediática, na sua maioria cúmplices ou resignadas ao poder político, acolhidas em publicações situacionistas – uma intelectualidade relativa.

Foram grandes os intelectuais desse tempo que, depois de anos de resistência antifascista, emergiram com a Revolução portuguesa e passaram a integrar o circuito institucional e mediático, retomando às universidades, à imprensa, ao mundo editorial, à rádio e à televisão. Podemos, hoje, encontrar nos Arquivos RTP um acervo de reportagens, entrevistas e programas de debate que muito enriqueceram o serviço público, contribuindo para o acesso universal. Foi também o tempo de homenagem a todos os que não chegaram a 25 de Abril de 1974, mas que muito contribuíram para esse rumo vitorioso do povo português.

Com os anos, o lugar dos intelectuais foi sendo substituído no espaço mediático ou relegado para os canais de nicho, restringindo o acesso universal com as linhas do paternalismo elitista de quem nunca perdoara à Revolução a abertura de um meio classista ao povo. Era o que faltava! O próprio conceito de intelectual foi regressando à sua conceção mais burguesa ou academicista, como que negando a possibilidade de qualquer um de nós ter a ousadia de entrar nos campos divinos do saber e nos salões de uma casta de escolhidos.

Quando se pergunta onde estão os intelectuais do séc. XXI, pergunta-se realmente o quê? Onde estão os Eduardo Lourenços ou onde estão os Dias Lourenços? Curioso como apelidos semelhantes podem significar ideias tão diferentes daquilo que caracteriza um intelectual

– um académico ou um homem dedicado à reflexão sobre a história e sobre o seu tempo, mesmo sendo um operário. Se esta discussão no séc. XX era de grande pertinência, talvez no séc. XXI ela mereça outra abordagem, mas não necessariamente outro diagnóstico.

Com a exclusão de qualquer forma de reflexão no plano mediático, sobram hoje nos media personalidades que trazem muito pouco ou nada para o debate público e para a construção de uma sociedade emancipada, limitando-se a servir de caixa de ressonância do poder dominante. Qualquer momento que exija reflexão e dialética não serve os interesses alienadores de quem detém os meios de comunicação. Também isto ex-

plica os recorrentes ataques ao serviço público de rádio e de televisão e a sua rendição ao modelo de entretenimento, alienação e desinformação forçado pelos grandes grupos da comunicação social – uma opção política que não é inocente.

A intelectualidade fica reservada a uma elite que se move no campo da exclusividade, do acesso limitado pela condição económica e pelas relações sociais. Confundem-se personalidades com acesso exclusivo a fenómenos culturais com intelectuais; confunde-se informação exclusiva e posse com erudição e confunde-se, sobretudo, arte com cultura. Estas confusões estão tão enraizadas que já não se imagina outra forma de caracterizar um intelectual sem ser como o dilettante que toca piano, fala francês e é convidado para conferências nos equipamentos culturais de Lisboa às três da tarde de uma qualquer quarta-feira. Velhas caricaturas e equívocos.

Apesar do classismo e da sua expulsão do circuito mediático, há intelectuais em Portugal, muitos deles a fazer um trabalho sério de reflexão em áreas tanto específicas como abstratas, na produção de exposições em museus e galerias de menor dimensão, a publicar em editoras que não ocupam dois quarteirões nas feiras do livro, em órgãos de comunicação independentes do poder económico e da sua censura e elitismo, no movimento associativo popular, nas universidades seniores e nas escolas (o intelectual ainda em construção, a libertar-se dos lugares-comuns e a explorar os caminhos infundáveis da imaginação e da possibilidade).

Os intelectuais em 2024 são também tantos outros que vão recusando a exclusividade de certos temas e têm a audácia de refletir sobre a arte e a vida, sobre o conhecimento, a ciência, sobre, enfim, a «cultura integral do indivíduo», esse tema suscitado por Bento de Jesus Caraça e que ainda hoje é tão central para o nosso tempo. Talvez Nuno Aguiar encontre a sua resposta, como muitos de nós, não neste século, mas no século passado ou talvez possa encontrar uma resposta à sua pergunta na origem e nos motivos da ausência de intelectuais no seu próprio meio profissional. É um começo.



Sugestões culturais

Seleccção de discos:

A Cabine

Textos de Daniel Duque

Blacksea Não Maya – Despertar [Príncipe]

Novas vidas e vontades fizeram com que os Blacksea Não Maya decidissem parar, mas não sem antes lançarem um disco especial. Composto maioritariamente por DJ Kolt, “Despertar” é do mais variado e ainda assim conciso que temos ouvido. Exemplo disso e das surpresas que se vão escutando é que, por entre as várias coordenadas, de repente damos de caras com as guitarras distorcidas de ‘BALEBALE’. Despedida, sim, mas parece que se abrem novos caminhos diante nós.

Z G A – Conceptual Música de Dança [CIGA239]

Eletrónica de dança livre e sem rodeios no regresso de Z G A à CIGA239, editora e coletivo conimbricense de que faz parte. Funk, dungeon synth, acid, techno, hyperpop, samples de nomes como Rosalía ou um excerto do diplomata palestino Husam Zomlot em entrevista à BBC. Rave. Liberdade. Tudo certo.

Vile Karimi, Haizea Huegun – Peach [Colectivo Casa Amarela]

Vile Karimi e Haizea Huegun desenharam um mundo sonhador, onde cordas flutuam, teclas sussurram e gravações se cruzam com o nosso próprio espírito. “Peach” é ternura e refúgio para estes dias.

BLEID – GRITOS [All Centre]

BLEID não falha. Aqui, está em modo turbo para nos pôr aos gritos. Notas de dembow, chops de vozes, groove, pé no acelerador e detalhes como uma marcha-atrás na primeira faixa. Segura-te.

Maria Amor, Shcuro – Intertwined [Paraíso]

Casal maravilha responsável pela mui relevante Paraíso, Maria Amor e Shcuro lançaram por esse mesmo selo o primeiro EP colaborativo. Techno enérgico e feel-good de pé no acelerador a remeter tanto para as fundações como para a contemporaneidade. Os remixes de Fireground e Black Rave Culture são a cereja no topo do bolo.

Dj Narciso – Diferenciado [Príncipe]

A Príncipe continua a pôr cá fora assinaturas únicas e a de DJ Narciso não é exceção. O título diz tudo. “Diferenciado” mostra um dos fundadores da RS Produções a servir a sua batida sem rodeios — graves a tremer com tudo e a puxar da tradição angolana enquanto embebe a sua própria experimentação. Música para gente exigente e sem medo de distorcer corpo e mente.

Mujipuki – Still Puki

Footwork nacional? Sim, obrigado. Celebração do género (e de mundos como jungle ou jersey club) e de sete anos de Francisco Morgan com o pseudónimo Mujipuki. Música madura e bem-disposta num álbum certo que sampla até Serial em ‘Brilhantes Diamantes’. Pura classe.

usof – stay longer [Theory Therapy]

Música de usof e de mais ninguém senão usof. Ambient que envolve corpo e mente, com texturas que nos cercam e dão refúgio, como é típico do trabalho de João Rochinha, e momentos de tensão rítmica que nos mantêm centrados neste universo único, introspetivo e repleto de profundidade. Nota 10, fossem notas precisas.

Klin Klop – OUT OF SYNC [Mar Records]

Feito ao lado de músicos como Zé Nuno e Miguel Tenreiro e das vocalistas Cristiana Silva e Helena Neto, “Out of Sync” é o regresso de Klin Klop aos EPs. Estreia em cheio pela Mar Records, com três faixas de house boa onda e inspirações como funk ou soul.



Fundada em Lisboa, em outubro de 2023, a MARKIZE é uma plataforma artística multidisciplinar, com foco na cultura musical eletrónica e em diversas vertentes artísticas como artes performáticas, híbridas e interdisciplinares. A equipa do coletivo é composta por Rita Pinhol (Minerva), Luís Mandacaru (Mandacaru) e Daniel Pereira (Cyrberu).

Na arquitetura, uma marquise é uma estrutura anexa de uma casa, uma oportunidade de criar uma divisão onde nada existia para além do potencial. A MARKIZE surge assim como uma estrutura multidisciplinar e/ou interdisciplinar que, sem espaço definido, pretende criar:

- Espaço de transgressão do binário;
- Espaço para emergências artísticas;
- Espaço de criação do novo.

O coletivo materializa a vontade de construir uma plataforma, sem fins lucrativos, para a apresentação e contacto com novos nomes na cena eletrónica, promovendo conexões entre artistas, espaços e comunidades. Assim se cria um multiverso de vertentes artísticas que se ligam e equilibram entre si.

De entre as iniciativas já realizadas, contam-se quatro eventos, decorridos ao longo de 2024, que se focaram tanto em clubbing como em exposições e performances, tal como o evento ASTRXS, que decorreu na Casa do Comum e que uniu workshop, exposição, performances e DJ Sets, ou o Showcase da Markize no Musicbox, numa noite totalmente voltada para a pista de dança.

No entanto, foi fundada a Editora de MARKIZE que conta já com trabalhos lançados de Mandacaru e de Ali Prando, artista de São Paulo. Da mesma forma, a rubrica Sonogramas é um programa mensal de divulgação de DJ Sets com artistas convidadas, inserido na programação da Rádio Quântica.

RESIDENCIAL MARKIZE

De entre os projetos agendados para 2025, a MARKIZE está a preparar o lançamento de um álbum de compilação de várias artistas do panorama musical eletrónico lisboeta, contando com um elenco de peso composto por Helviofox, DJ 420@ÔA, Maribell, Marcolan, Mandacaru, Miana e Carolina Miragaia.

Para além do lançamento da V/A propriamente dita (que contará com uma faixa produzida por cada artista), as artistas participarão como convidadas no programa Sonogramas ao longo de todo o ano de 2025 e ainda nos eventos de suporte para o lançamento da V/A.

Coloquem nos vossos calendários (!):

- 31 de maio
- 4 de julho
- 12 de setembro

Todas as festas decorrem no Noir Désir.

Localização: Rua Passos Manuel, 116B, em Arroios.

Mais novidades e lineup serão anunciados em breve!

Fiquem atentos e sigam a MARKIZE (@markize__) no Instagram <3



Kerox - Bass

Kerox, produtor e DJ lisboeta e um dos residentes da nossa Rádio, regressou em Outubro de 2024 com o EP Bass, uma release que marca o seu regresso às produções após um período de pausa criativa. Lançado de forma independente no Bandcamp, Bass é um convite direto à pista de dança, com uma abordagem crua e energética ao techno e à bass music.

O EP é composto por três faixas: a faixa original “Bass” que pode ser downloaded grátis através do Soundcloud e dois remixes por BLEID e Entrañas. “Bass” apresenta uma batida pulsante, com uma linha de baixo hipnótica que se entrelaça com elementos percussivos secos e incisivos. É uma produção que evoca o espírito do techno de pista, com uma estética direta e eficaz.

Os remixes adicionam novas dimensões à faixa original. BLEID oferece uma versão mais acelerada e atmosférica, explorando texturas sonoras que enriquecem a faixa com camadas de profundidade. Por outro lado, Entrañas, produtor equatoriano, transforma “Bass” numa viagem mais longa e introspectiva, com uma abordagem que mistura elementos experimentais e uma construção sonora envolvente e eufórica.

O EP, masterizado por Imaabs da editora mexicana NAAFI, conta também com artwork de Glabra, complementando a estética sonora com uma identidade visual marcante.

“Bass” é um testemunho da versatilidade de Kerox e da sua capacidade de criação. É um lançamento que reafirma o seu regresso como produtor na cena eletrónica local.

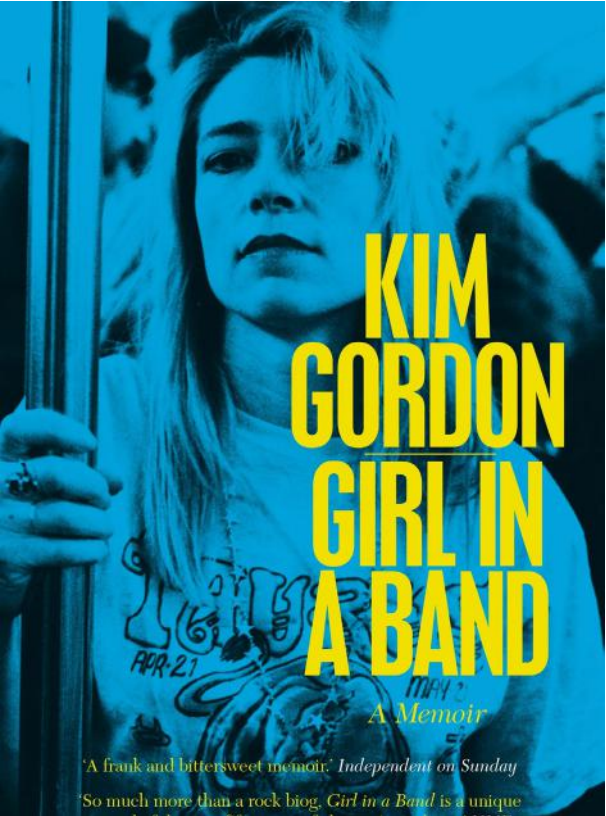
Kim Gordon “Girl In A Band”

Kim Gordon, ícone indiscutível e cofundadora da lendária banda Sonic Youth, oferece um relato profundamente pessoal em “A Girl in a Band”. Este memoir transita com beleza entre a intimidade e a arte, apresentando uma escrita que é subtil mas incisiva. Gordon usa uma linguagem clara e poética, conseguindo capturar a essência de um mundo que, para tantos, é muito enigmático.

O seu talento para narrar fica claro na maneira como ela nos desvenda o processo criativo por trás de algumas das canções mais memoráveis da banda. A obra não é apenas uma crónica musical, acaba por ser uma viagem introspectiva que permite a quem lê revisitar a discografia de Sonic Youth sob uma nova luz, recontextualizando letras e melodias que muitas vezes carregavam significados ocultos.

Além disso, o livro oferece-nos uma visão encantadora e sincera da vida de Gordon, repleta de intrigas e relações complexas, não só com seu ex-marido Thurston Moore, mas também com figuras icónicas como Courtney Love. A revelação de que ela co-produziu “Pretty on the Inside”, o aclamado álbum de estreia das Hole, mesmo criticando as excentricidades de Love, revela a sua versatilidade como artista e também sua autenticidade e amor à causa musical.

Kim Gordon é, sem dúvida, a definição de “cool”. A habilidade para entrelaçar a narrativa pessoal com a história da música contemporânea reflete a sua influência como artista e também sua capacidade única de ficar relevante num panorama em constante mudança. “A Girl in a Band” acaba então por ser um tributo não só à sua carreira, mas também à capacidade de uma mulher de se afirmar num mundo historicamente dominado por homens, o que faz desta obra uma leitura imperdível para fãs da música e da literatura. Para quem, como eu, quer mergulhar fundo na alma de uma das figuras mais fascinantes do rock, este livro merece, sem dúvida, cinco estrelas.



Galeria Q - Uma crónica de Nuno Barão

A estrutura interna e organização de qualquer filme; ou simplesmente um filme onde quer que seja conceituado como um sistema de significados. Na teoria literária, o uso do termo “texto” (cujo significado original é tecido ou trama) em relação a, digamos, um romance, sinaliza que a obra está a ser tratada como uma constelação de significados e não como uma imitação da realidade – isto é, como construção.

HE USED TO SING TO HER.

Panda Bear “Sinister Grift”

Em 2025, Noah Lennox, mais conhecido como Panda Bear, decidiu finalmente pôr de lado aqueles montes de efeitos e plug-ins que costumavam criar um espaço entre ele e a realidade. Com “Sinister Grift”, temos um álbum que soa como uma sessão de terapia genuína, onde Noah se abre de uma forma que não tinha feito antes.

Este disco é mesmo diferente do que ele já fez. Deixa para trás os ritmos complexos e as camadas densas que caracterizavam os seus trabalhos passados e apresenta-se com uma abordagem mais simples e direta. A produção é limpa e honesta, dando espaço às que as emoções para fluir. É como se estivéssemos a espreitar o diário de Panda Bear, ouvindo pensamentos e sentimentos em cada faixa.

As melodias são envolventes e o tipo de coisa que se cola na mente. A voz de Panda Bear, com aquele tom suave e nostálgico, conduz-nos por um caminho introspectivo que é reconfortante e simultaneamente provocador. Ele fala sobre os seus medos e inseguranças de maneira crua, criando uma peça em que qualquer pessoa se pode se rever.

“Sinister Grift” não é um passo diferente na sua música; é uma verdadeira afirmação de quem ele é. Noah mostra que por trás de toda a sua genialidade musical, existe um ser humano que também sente e luta contra os seus demónios. Para quem já o acompanha ou quem está a descobrir agora, este álbum é uma viagem que vale a pena, cheia de autenticidade e uma sinceridade que nos toca. É um convite para refletir sobre as próprias batalhas e, quem sabe, encontrar um pouco de conforto neste som cheio de honestidade.



Eunice

林強 (Lim Giong) - 單純的人 (A Pure Person)
Tonicha - Já Chegou a Liberdade
Yusef Lateef - First Gymnopedie
Hedgehog - 埋葬在阳光下 (Buried In The Sun)
Muslingauze - Every Grain Of Palestinian Sand
Kamasi Washington - Clair de Lune
Mazzy Star - Halah
The Lidaju Sisters - Come On Home
Amanaz - Khala My Friend

Tita Maravilha

Linn da Quebrada - Eu matei o junior
Ventura Profana - Resplandescente
Tita Maravilha e Gadutra - Caosa
Calcinha Preta - Beber cair e levantar
Gaby Amarantos - Toca DJ
Banda Stylus Lambadão - Toque toque DJ
MARinês - Só gosto de tudo grande
Manu Batidão e Simone mendes - daqui pra frente é só eu e tu
Priscila meireles - Flores

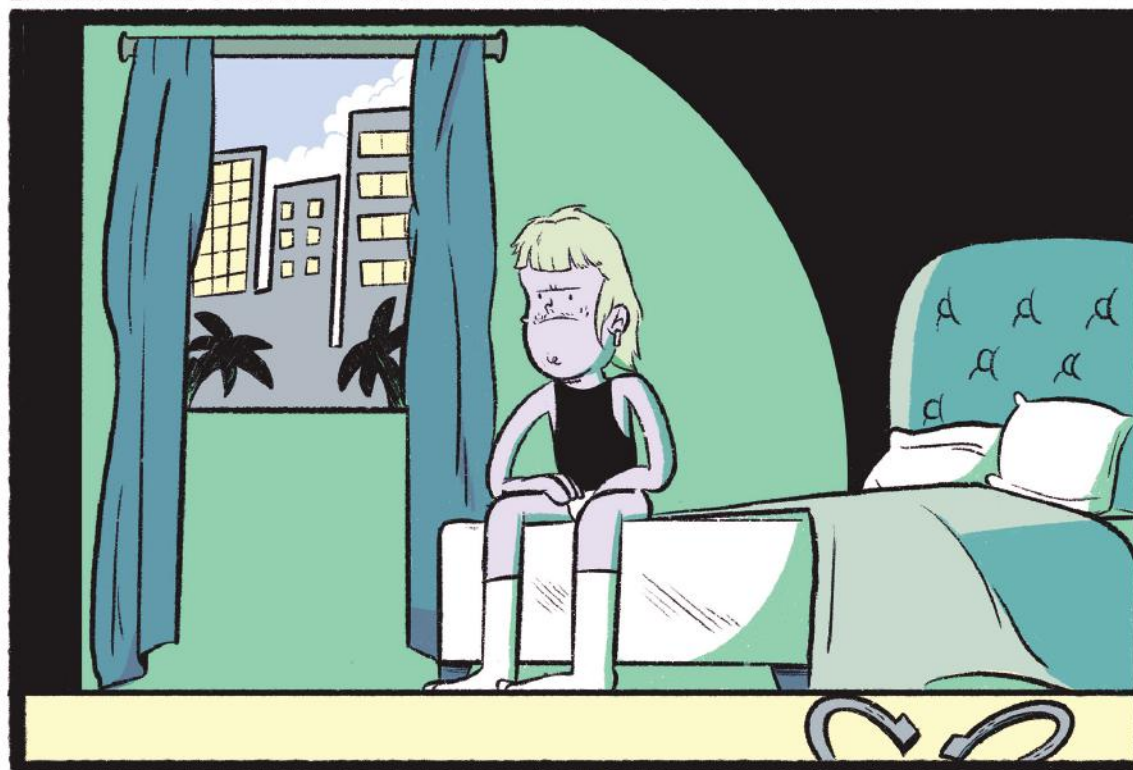
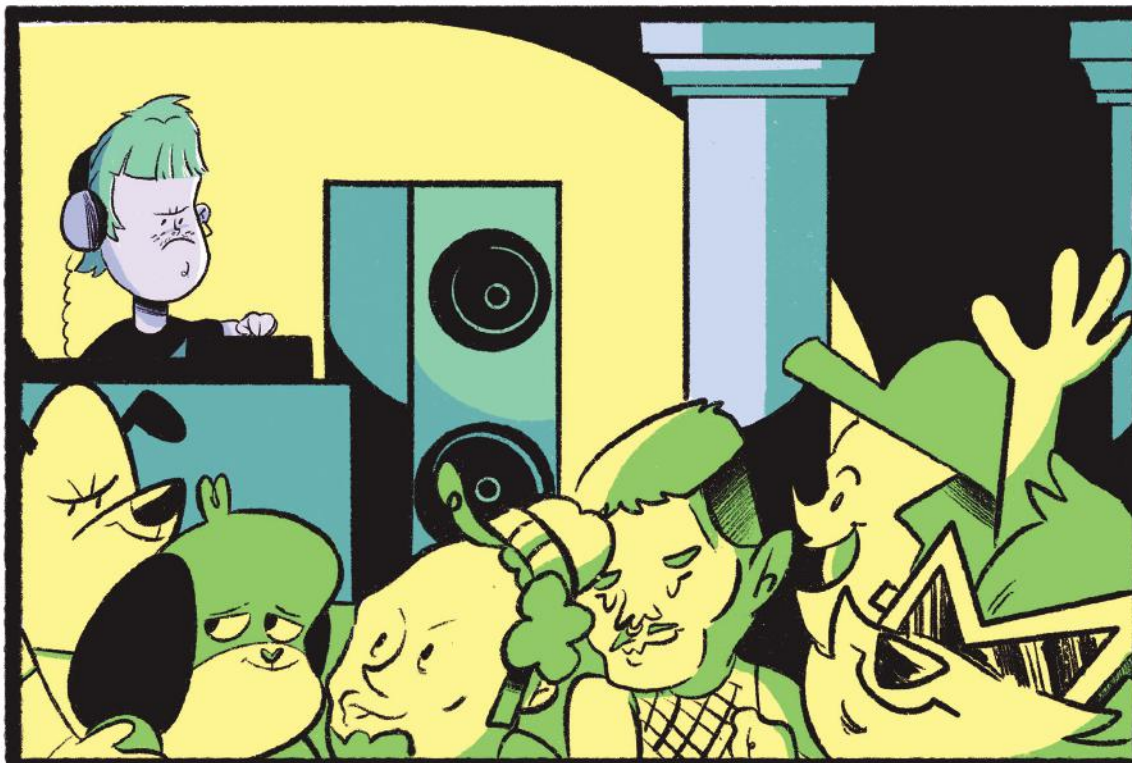
Chima Isaaro

Pink Siifu – 1:1[FKDUP.BEZEL]
Ben LaMar Gay – Yowzers
billy woods, E L U C I D, Human Error Club – Dislocated
Erika de Casier – You Got It!
James Massiah – Last Kiss (End Scene)
NikNak, Chisara Agor, Cassie Kinoshi – You’ve Never Seen A Miracle
Julius Eastman, Wild Up, Christopher Rountree – Femenine: No. 1, Prime
Gary Bartz – Nommo- The Majick Song
Angel Bat Dawid, Naima Nefertari – Procession of the Equinox
Fly Anakin – The Times

Wugori

The Lollipops - Naked when you come
Ella & Louis - They Can’t Take That Away From Me
Captain Murphy feat Earl Sweatshirt - Between Friends
De La Soul (ft. MF Doom) - Rock Co.Kane Flow
Dr. Yen Lo - Day 81
Bootsy Collins - What’s a Telephone Bill
Jaylib - The Heist
Mac Miller - Diablo
Gorillaz - Latin Simone
Zack Fox - Jesus Is The One

NOTHING.



Save the DATE

ANO 00

19 - 20 SET 2025

